

**UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE**  
**MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE**

**CAÇADOR: UM ESTUDO SOBRE OS ASPECTOS ARTÍSTICOS, CULTURAIS E**  
**SOCIAIS, NAS DÉCADAS DE 40 E 50**

**SUZANNE MENDES VALENTINI**

**JOINVILLE - SC**

**2010**

**SUZANNE MENDES VALENTINI**

**CAÇADOR: UM ESTUDO SOBRE OS ASPECTOS ARTÍSTICOS, CULTURAIS E  
SOCIAIS, NAS DÉCADAS DE 40 E 50**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Patrimônio Cultural de Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania. Orientadora: Profa. Dra. Nadja de Carvalho Lamas.

**JOINVILLE – SC**

**2010**

## TERMO DE APROVAÇÃO

CAÇADOR: UM ESTUDO SOBRE OS ASPECTOS ARTÍSTICOS, CULTURAIS E  
SOCIAIS, NAS DÉCADAS DE 40 E 50.

por

Suzanne Mendes Valentini

Dissertação julgada para obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e  
Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania –  
Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade,  
da Universidade da Região de Joinville.

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes  
Coordenadora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

### BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nádia Régia Maffi Neckel – UnC

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes – UNIVILLE

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Taíza Mara Rauen Moraes – UNIVILLE

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nadja de Carvalho Lamas  
Orientadora - UNIVILLE

Joinville, 28 de junho de 2010.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais, Eldemar e Iara,  
por todo apoio, compreensão e confiança.

Aos filhos e ao esposo por toda compreensão das ausências provocadas.

À professora orientadora, Dr<sup>a</sup> Nadja de Carvalho Lamas,  
por cada momento de sua vida dispensado nas orientações  
e atentas leituras desta obra.

## **AGRADECIMENTOS**

A cada pessoa entrevistada, com suas preciosas contribuições para que pudesse empreender nesta jornada.

Ao Sr. Júlio Corrente, responsável pelo Arquivo Público de Caçador, por sua imprescindível colaboração na busca dos dados junto aos documentos deste Arquivo.

A todo tipo de incentivo recebido por colegas de trabalho, de turma e aos amigos...

## RESUMO

A história de uma sociedade passa pelo registro de sua cultura e os fatos que marcaram a vida dos indivíduos que dela participam. Nas relações entre história e cultura estão as concepções de preservação dos bens culturais, para que esses possam ser reconhecidos pela população. Nesta pesquisa, aborda-se a noção de cultura e de espaço urbano, bem como as implicações que a memória possui na reconstituição dos fatos e na permanência desses. Os objetivos traçados para a construção desta foram a realização de um estudo sobre os aspectos artísticos, culturais e sociais de Caçador-SC nas décadas de 40 e 50, para que fosse possível realizar conexões entre passado e presente por meio da reflexão sobre registros fotográficos e textos jornalísticos. A metodologia utilizada foi o levantamento de dados em arquivo público e particular, bem como o registro dos relatos orais obtidos junto aos entrevistados. A partir de então, estabelece-se um panorama no qual os dados levantados passaram a ser relacionados com os conceitos teóricos. As contribuições trazidas a partir dessas análises estão no âmbito do registro e da compreensão de acontecimentos e seus possíveis significados para a população da época estudada, bem como o que representam esses fatos no imaginário dos entrevistados nos dias de hoje. Há, também, a perspectiva de que esta pesquisa contribua para a possibilidade de uma nova concepção acerca do que representam os espaços responsáveis por guardar a memória do município.

**Palavras-chave:** Caçador, cultura, sociedade, memória, espaço urbano.

## **ABSTRACT**

The society's history passes for the register of its culture and the facts that had marked the individuals' life that participated of it. In the relations between history and culture there are conceptions of preservation of the cultural goods, so that these can be recognized for the population. In this research, it is approached the culture's notion of urban space, as well as the implications that the memory possess in the reconstitution of the facts and the permanence of these. The objectives tracing for the construction of this researched had been the accomplishment of a study on the artistic, cultural and social aspects in Caçador-SC city, in the decades of 40 and 50, so that it was possible to carry through connections between past and present by reflection means on photographic registers and journalistic texts. The methodology was the data-collecting in public and particular archive, as well as the register of the gotten verbal stories next to the interviewed ones. After that, it establishes a panorama in which the raised data had passed to be related with the theoretical concepts. The contributions brought from these analyses are in the scope of the register and the understanding of events and its possible meanings for the population of the studied time, as well as what they nowadays represent these facts in the imaginary one of these interviews. It also has, the perspective of that this research contributes for the possibility of a new conception concerning what they represent the responsible spaces for keeping the memory of the city.

**Key-Words:** Caçador, culture, society, memory, urban space.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da América Latina - Destaque para a região do Contestado....	17
Figura 2 – Mapa mostrando a região de conflitos em Santa Catarina .....	17
Figura 3 – Mapa de Santa Catarina com a localização do município de Caçador .....	22
Figura 4 – Colégio Aurora – década de 30 .....	23
Figura 5 – Almoço de instalação do município de Caçador .....	24
Figura 6 – Capela de Rio Caçador – década de 20 .....	25
Figura 7 – Catedral em fase de construção – 1940 .....	26
Figura 8 – Catedral São Francisco de Assis – foto de 1960 .....	26
Figura 9 – Interior da Catedral São Francisco de Assis .....	27
Figura 10 – Interior da Catedral São Francisco de Assis .....	27
Figura 11 – Mapa de evolução histórica de ocupação na década de 40 .....	30
Figura 12 – Mapa de evolução histórica de ocupação na década de 50 .....	30
Figura 13 – Construção do ano de 1948 .....	37
Figura 14 – Anúncio no Jornal de Caçador –14 de agosto de 1949.....	59
Figura 15 – Jornal de Caçador em sua 1ª edição, em 23 de abril de 1950 .....	60
Figura 16 – Anúncio no Jornal de Caçador – 1949 .....	62
Figura 17 – Anúncios de filmes no jornal A Imprensa – 1948 .....	65
Figura 18 – Anúncio de filmes no Jornal de Caçador – 1949 .....	65
Figura 19 – Anúncios da programação do Cine Luz .....	66
Figura 20 – Anúncios de filmes no Jornal de Caçador – 1950 .....	66
Figura 21 – Anúncios de filmes no Jornal de Caçador – 1950 .....	67
Figura 22 – Anúncios de filmes no Jornal de Caçador – 1959 .....	67
Figura 23 – Cartaz original do filme <i>Meias de Seda</i> .....	71
Figura 24 – Fotografia do Jornal de Caçador - Miss Caçanjurê – 1952 .....	72
Figura 25 – Nota do jornal de Caçador - Concurso “Miss Caçanjurê” – 1953 ...	73
Figura 26 – Nota do Jornal de Caçador – Baile da primavera – 1953 .....	73
Figura 27 – Publicidade da Casa Cima – Jornal de Caçador – 1952 .....	75
Figura 28 – Jornal de Caçador – 1959 .....	76
Figura 29 – Caçador em 15 de agosto de 1935 .....	77
Figura 30 – Jazz Caçanjurê em apresentação no Clube Apolo .....	77



Figura 31 – Clube 7 de setembro em 1953 – foto do Jornal de Caçador .....	80
Figura 32 – Clube 7 de setembro – fachada – 2009 .....	80
Figura 33 – Editorial do Jornal de Caçador – 1952 .....	82
Figura 34 – Destaque da matéria que antecedeu o Desfile Bangu – Jornal de Caçador .....	83
Figura 35 – Matéria do Jornal de Caçador após realização do Desfile Bangu - 1959 .....	84
Figura 36 – Nota no Jornal de Caçador – 1953 .....	86
Figura 37 – Nota Jornal de Caçador - 1953 .....	87
Figura 38 – Avenida Barão do Rio Branco – década de 50 .....	88
Figura 39 – Nota Jornal de Caçador – 1953 .....	89
Figura 40 – Vestido usado no Baile da Neve de 1951 por Noemia B. Moreira	90
Figura 41 – Nota Jornal de Caçador – 1953 .....	90
Figura 42 – Nota do Jornal de Caçador – 1952 .....	91
Figura 43 – Nota do Jornal de Caçador – Carnaval de 1952 .....	92
Figura 44 – Jornal de Caçador – Baile dos Estudantes – 3 de agosto de 1952	93
Figura 45 – Edifício Gattermann – Sede da Rádio Caçanjurê – anos 50 .....	97
Figura 46 – Nota do jornal de Caçador sobre a Rádio Caçanjurê – 16 de julho de 1950 .....	98
Figura 47 – Nota no Jornal de Caçador – 1952 .....	99
Figura 48 – Nota do Jornal de Caçador sobre cantor que se apresentou no auditório da Rádio Caçanjurê – 1949 .....	99
Figura 49 – Programa “A Hora da Saudade” – Rádio Caçanjurê Maestro Ladislao Liszkievich e orquestra .....	101
Figura 50 – Alunos do Maestro Ladislao quando de apresentação no Clube 7 de Setembro – 1960 .....	103
Figura 51 – Maestro Ladislao e seus alunos .....	104
Figura 52 – Editorial do Jornal de Caçador sobre a apresentação da Escola de Música Municipal .....	104
Figura 53 – Nota do Jornal de Caçador sobre teatro – 1948 .....	106
Figura 54 – Elenco da peça teatral apresentada no Salão Paroquial da Catedral São Francisco de Assis – 28/04/1944 .....	107
Figura 55 – Peça teatral ‘O espiritismo na berlinda’ .....	107
Figura 56 – Nota do Jornal de Caçador – 1959 .....	108

Figura 57 – Capa da publicação de autoria do Sr. Albino De Boni .....	110
Figura 58 – 1ª página da publicação de autoria do Sr. Albino De Boni .....	110
Figura 59 – Anúncio do Jornal de Caçador – 1953 .....	111

## **SIGLAS UTILIZADAS**

**APC** – Arquivo Público de Caçador

**IPUC** – Instituto de Planejamento Urbano de Caçador

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 REGIÃO DO CONTESTADO - CAÇADOR E O ESPAÇO URBANO</b> .....	16
1.1 A formação do município de Caçador nos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais .....	22
1.2 Espaço urbano .....	32
<b>2 SUBSÍDIOS PARA ESTUDAR O MUNICÍPIO DE CAÇADOR</b> .....	40
2.1 Cultura e arte .....	40
2.2 Política cultural .....	45
2.3 Memória .....	49
2.4 História Oral .....	54
<b>3 ASPECTOS ARTÍSTICOS, CULTURAIS E SOCIAIS NO MUNICÍPIO DE CAÇADOR, NAS DÉCADAS DE 40/50</b> .....	57
3.1 Jornais e sua influência no cotidiano da população de Caçador .....	58
3.2 O cinema no cenário local e mundial .....	62
3.3 Os bailes nos Clubes 7 de Setembro e Apolo .....	72
3.4 O surgimento do rádio no Brasil e em Caçador .....	95
3.5 A produção artística: música, teatro, literatura .....	102
3.5.1 A Escola Municipal de Música .....	102
3.5.2 A representação teatral .....	105
3.5.3 A literatura através de Albino De Boni .....	109
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	113
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	116
<b>APÊNDICES</b> .....	121
A1. Questionário .....	122
A.2 Termos de livre consentimento .....	123

## INTRODUÇÃO

A formação de um município e o seu desenvolvimento está intimamente ligada às questões de caráter cultural; quando se observam exemplos de municípios em pleno avanço sob vários aspectos, não distante estão as pesquisas e ações no âmbito do resgate de seus valores histórico, cultural e artístico.

O conhecimento da história de um povo, sua identificação e reconhecimento pelas gerações futuras são fatores predominantes para a relação de identidade e o sentimento de pertencimento de seu povo. Apesar dos registros de patrimônio existentes, seja na arquitetura, nos acontecimentos que permeiam a memória, nos dados históricos, documentos, imagens fotográficas, entre outros, muitas vezes, esses passam despercebidos como um legado cultural, necessitando, então, que seja dada visibilidade aos mesmos, para que a população os reconheça como tal.

Sabe-se que a memória de uma população pauta-se nos registros existentes: fotografias, documentos oficiais ou não, a história escrita e também a história oral. Nesse sentido, destaca-se a importância de utilizar a narrativa decorrente da memória das pessoas, cujas informações podem se confirmar através da documentação já existente ou não. No caso desta pesquisa especificamente, a utilização da história oral como instrumento de registro teve papel fundamental no levantamento de dados para a compreensão de momentos históricos, situações, atividades artístico-culturais e lugares que existiram e/ou existem na cidade.

A presente pesquisa teve como objetivos realizar um estudo sobre os aspectos artístico-cultural de Caçador-SC nas décadas de 40 e 50, com pessoas pertencentes à elite econômica, realizar conexões entre passado e presente por

meio de reflexão sobre registros fotográficos e textos jornalísticos, discutir e refletir sobre os dados levantados sob a luz de uma base teórica consistente.

A abordagem metodológica utilizada foi composta de levantamento bibliográfico, pesquisa a partir de relatos de vida, articulados com registros constantes nos jornais de circulação municipal no período estudado, em Caçador – SC.

Os registros da pesquisa foram planejados para serem gravados, porém, no decorrer do processo, optou-se por realizar as entrevistas sem o uso do gravador, pois se constatou que esse recurso inibia os entrevistados, provavelmente em razão de suas faixa etária (entre 70 a 87 anos). Dessa forma, utilizou-se o registro manuscrito e um roteiro de perguntas semi-estruturado para a realização das entrevistas.

O universo pesquisado foi composto por moradores da cidade que viveram nas décadas de 40 e 50 e que tiveram participação na vida artístico-cultural. Esse grupo apresenta como características as relações com a sociedade da época, sua condição sócio-econômica, considerada nos padrões da época pertencentes à elite cultural e econômica. Esses sujeitos com idade entre 70 e 87 anos, foram tratados com ponderações, estimulando o exercício da sua memória e a articulação entre passado e presente, pois a partir do momento em que as lembranças foram deslocadas do lugar de onde estavam, adquiriram nova configuração.

O cenário arquitetônico do município de Caçador até o final dos anos 30 era composto de construções de madeira, produto abundante na região. No início dos anos 40, iniciou-se um período no qual as edificações passaram a utilizar materiais mais perenes, como cimento e pedra, em detrimento da madeira. Tais construções

tinham como ênfase um estilo com características da *art déco*<sup>1</sup>. Com base no exposto, entende-se que, junto com o surgimento dessas teve início também um período no qual as artes e a cultura passaram a figurar com maior frequência, possibilitando um convívio intenso da população com os meios de cultura que passaram a existir. Desta forma, justifica-se a escolha dos períodos para a realização da pesquisa, tendo em vista também que em função de grande desenvolvimento econômico que passou a acontecer no município, um número significativo de famílias que foram para ali residirem advindos de outros estados, trazendo consigo hábitos e costumes que influenciaram a sociedade da época.

Para o desenvolvimento da pesquisa, buscou-se referência em arquivo público e privado, tais como fotos e outros documentos com valor significativo sobre o assunto. No Arquivo Público de Caçador foi possível a análise dos registros desses momentos de manifestações artístico-culturais, graças ao arquivamento dos jornais da época, articulados com os registros encontrados nos arquivos pessoais dos entrevistados. Com relação ao arquivo, é necessário enfatizar que o fato dele possuir os jornais encadernados e dessa forma valorizados teve fundamental contribuição nesta pesquisa, pois registraram os eventos ocorridos no município. As notícias ali constantes levaram à busca de pessoas cujos relatos descritos nos jornais foram importantes para a percepção do que estava sendo investigado.

No capítulo 1, buscou-se contextualizar o município de Caçador, discutir a formação das cidades na região do Contestado (PR e SC), a origem dos conflitos e seus desdobramentos, bem como a composição étnica que passa a habitar a região, com o término do período de conflitos. Os teóricos de referência na condução do

---

<sup>1</sup> O termo *art déco*, de origem francesa (abreviação de *arts décoratifs*), refere-se a um estilo decorativo que se afirma nas artes plásticas, artes aplicadas (design, mobiliário, decoração etc.) e arquitetura no entreguerras europeu. [...] No padrão decorativo *art déco* predominam as linhas retas ou circulares estilizadas, as formas geométricas e o design abstrato.  
[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=352](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=352)

pensamento acerca do espaço urbano e suas implicações sociais, econômicas e políticas foram Leonardo Marques de Mesentier, Michel de Certeau e Sandra Jatahy Pesavento. Através da compreensão desse espaço foi possível dar suporte às memórias apresentadas pela população, pois os atos e eventos levantados na pesquisa ocorreram em locais específicos, pertencentes ao conjunto arquitetônico do município de Caçador.

No capítulo 2, a análise dos dados das entrevistas baseia-se na visão teórica de Verena Alberti, com foco na história oral, interligada com a memória, cujas referências são os autores Maurice Halbwachs e Jacques Le Goff.

As relações com cultura, arte e políticas culturais, estão sustentadas por Isaura Botelho, Leonardo Brandt e Teixeira Coelho, que pensam os espaços da cultura e da arte, como espaços de interação social e, para tanto, faz-se necessário ressignificar as questões ligadas às políticas culturais existentes no município de Caçador.

Com base nos estudos realizados e na pesquisa de campo, o Capítulo 3 traz a análise das entrevistas, articulados com os dados do Arquivo Público de Caçador, utilizando-se de fotografias e matérias jornalísticas sobre os aspectos da cultura no município nas décadas de 40 e 50.



## 1 REGIÃO DO CONTESTADO - CAÇADOR E O ESPAÇO URBANO

Os estudos de Valentini (1998) indicam a existência de frentes variadas de ocupação nos conflitos do Contestado ou Guerra do Contestado (PR e SC). Conhecê-los se faz necessário para que se contextualize o tempo e o espaço, objetos de estudo nessa investigação.

Nesse sentido, destaca-se a fundação da cidade de Lages, visto que serviu de ponto de apoio para outras regiões, como Campos Novos-SC. Assim como a fundação de Guarapuava-PR, a qual “ficava nos caminhos que levavam aventureiros em busca do gado *vacum*<sup>2</sup> das antigas missões” (VALENTINI, 1998, p. 31). Outra colônia merecedora de destaque nesse processo de ocupação de terras e formação de novos povoados, é a da área que vai da Lapa-PR até Rio Negro-PR, na qual imigrantes alemães e poloneses passaram a se fixar. A partir da construção da ferrovia, outros colonos de origem européia chegaram para a ocupação das terras que ficavam às margens da via férrea. E uma quarta frente de ocupação dá-se pelo povoamento da região do Contestado, de pessoas vindas do Rio Grande do Sul, com origem predominantemente italiana.

As referidas frentes geraram, nesta região, disputas jurídicas a respeito de quem eram as terras que passavam a compor os estados do Paraná e Santa Catarina. A região em questão pode ser acompanhada no mapa das figuras 1 e 2:

---

<sup>2</sup> Entende-se por *gado* os mamíferos que foram domesticados; o termo *vacum* refere-se a bois ou búfalos; portanto, gado *vacum* é o grupo formado por bois.

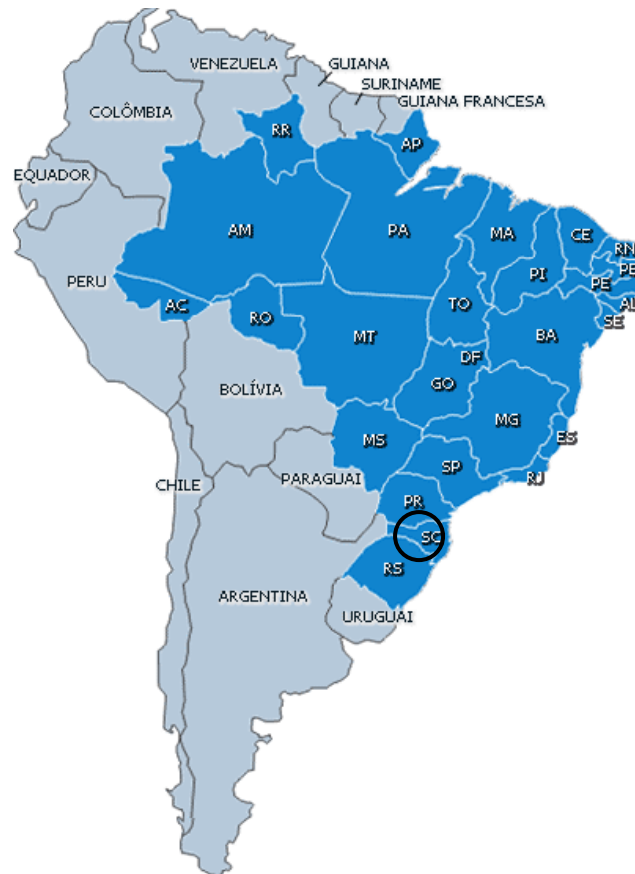


Figura 1 – Mapa da América Latina. Destaque para a região do Contestado  
 Fonte: <http://javierferrer.com/page/3/>



Figura 2 - Mapa mostrando a região de conflitos em Santa Catarina  
 Fonte: [http://dialogos8c.blogspot.com/2009\\_04\\_01\\_archive.html](http://dialogos8c.blogspot.com/2009_04_01_archive.html)

Até 1881, as margens do Rio do Peixe eram habitadas por índios das etnias Kaingang e Xokleng. Nessa época, Campos Novos-SC, então distrito de Lages, se dá conta da importância dessa região e incentiva Francisco Corrêa de Mello<sup>3</sup> a garantir as posses das terras devolutas<sup>4</sup> do Alto Vale do Rio do Peixe. Juntamente com a esposa e dez filhos, Corrêa de Mello funda a Fazenda Faxinal do Bom Sucesso, que segundo informações obtidas junto ao Arquivo Público de Caçador, estava localizada onde hoje se situa o alto do Bairro Berger.

Sem condições de promover o desenvolvimento da região, por ser uma mata fechada, Corrêa de Mello passa a viver da própria subsistência, mais precisamente da caça, com o objetivo apenas de manter a posse das terras.

Em 1887, Pedro Ribeiro e, em 1891, Tomaz Gonçalves Padilha<sup>5</sup> vieram para região. Este último era cunhado de Corrêa de Mello e se estabeleceu na região de Taquara Verde.

A Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul começa a ser construída no ano de 1907 em território catarinense. Margeando o Rio do Peixe, os trilhos chegam à Fazenda Faxinal do Bom Sucesso a ali se fez necessária a construção de uma ponte para a passagem do trem sobre o rio que naquela época chamava-se Rio Lajeado do Simeão.

A ação, que ficou conhecida como Guerra do Contestado (1912 – 1916), teve como motivos questões de limites e também a própria construção da estrada de ferro. De acordo com as pesquisas de Valentini (1998, p. 43),

---

<sup>3</sup> Na historiografia do município de Caçador, Francisco Correa de Mello é trazido como o primeiro morador de origem portuguesa desta localidade.

<sup>4</sup> São terras públicas, que em nenhum momento integraram o patrimônio particular, ainda que estejam irregularmente em posse de particulares. O termo "devoluta" relaciona-se ao conceito de terra devolvida ou a ser devolvida ao Estado.

(<http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/instituicao/faq.aspx#perg6>)

<sup>5</sup> Pedro Ribeiro e Tomaz Padilha, considerados segundo e terceiro moradores, respectivamente.

[...] existem questões de interesses geopolíticos sobre a região, justificando a construção da ferrovia e a colonização da região. Interessava ao governo brasileiro promover a ocupação das terras devolutas e também seria uma forma de garantia a sua posse.

Muitas empresas atuaram em diversos trechos, sendo que em 1905 a *Brazil Railway Company* assume o controle acionário da Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande.

A Cia norte-americana *Brazil Railway* investiu na colonização e na exploração madeireira. Criou-se a *Southern Brasil Lumber and Colonization Company*, com o objetivo de explorar as terras laterais à ferrovia, além de outras áreas que foram sendo adquiridas. [...] Embora existissem áreas consideradas devolutas, em muitos lugares existiam moradores estabelecidos de longa data. Nestes casos, os posseiros que não haviam formalizado a posse, ‘por ignorância do sistema burocrático ou incapacidade de redigir um requerimento, [...] eram desalojados sumariamente’. Expulsos os brasileiros, abriam-se espaços para a empresa estrangeira explorar a madeira e colonizar as terras. (VALENTINI, 1998, p. 47)

O que ocorre a partir de então, é uma devastação da madeira de lei. De acordo com Thomé (1995, p.55), “em 40 anos de atividades da *Lumber*, desapareceram, aproximadamente, quinze milhões de araucárias das florestas brasileiras.”

A partir dessas retiradas de madeira, escreve Valentini (1998, p. 48):

Os lotes de terra de onde se retirava a madeira foram vendidos para colonos estrangeiros, que vieram para ocupar os locais de onde, anteriormente, haviam sido expulsos os posseiros e antigos proprietários. Foi desta forma que afluíram para a região os imigrantes e descendentes europeus.

Terminada a guerra, Paraná e Santa Catarina chegaram a um acordo sobre a questão de limites e a colonização da região é intensificada.

O período de conflitos durou quatro anos, com muitas mortes, pois foi utilizado um forte armamento em contrapartida ao armamento dos caboclos, que era infinitamente inferior. Assim, a dizimação foi inevitável. Mesmo assim, aquilo que os

historiadores chamam de “resistência cabocla” foi um fato que merece destaque; essa vontade de defender um território a qualquer preço fez com que a Guerra tivesse grandes proporções. Nesse ânimo em tal defesa reside o fato deste “homem do contestado” possuir, em sua genealogia, a força para dar continuidade aos seus ideais, embora com poucas condições.

Em tal cenário é que as cidades da região constituíram-se ao longo dos anos. Terminados os conflitos, ficaram os povoados com suas mais diversas problemáticas sociais, de ocupação espacial e de posse das terras.

De acordo com Thomé (2006, p. 281)

Até o tempo da Guerra do Contestado (1913-1916), um mínimo de esparsos italianos fixou-se em cidades de outras áreas do Contestado. Encerrado o conflito regional e após a criação dos novos municípios de Cruzeiro (atual Joaçaba), Porto União e Mafra, teve início o plano de colonização das terras, que atraiu milhares de descendentes de imigrantes italianos das colônias velhas e mesmo das colônias novas do Rio Grande do Sul. Paralela e, simultaneamente ao fluxo de alemães e teuto-brasileiros, as levas de italianos e ítalo-brasileiros, atravessaram o Rio Uruguai e se dispersaram pelo antigo Território Contestado.

Vale ressaltar que com esse fluxo migratório e de ocupação, a região conhece com maior ênfase um modo de vida diferenciado do que se tinha até então, passando ter como base a cultura italiana e alemã. Dessa forma, passa a existir uma cultura fundamentada em valores que primarão pelo cultivo da terra e criação de animais, principalmente.

Conforme Amador (2010, p. 506),

[...] a Guerra do Contestado é o divisor de águas de dois modelos de desenvolvimento econômico da região, pois até o início do século XX, o que acontecia nos sertões catarinenses era uma ocupação cabocla originária da miscigenação de portugueses, índios e negros, que viviam de uma economia voltada à atenção das necessidades de subsistência. Após a Guerra, com a conseqüente derrota do caboclo, tem início a venda de lotes de pequenas propriedades de terras para as famílias de descendentes de imigrantes, principalmente italianos e alemães, trazidos do Rio Grande do Sul, pelas Companhias Colonizadoras, que passam a desenvolver uma economia voltada a integrar a lógica do mercado capitalista. É a partir deste marco que muda o perfil socioeconômico e cultural da região oeste de

Santa Catarina, pois os migrantes trazidos do Rio Grande do Sul pelas Companhias Colonizadoras trazem na bagagem o sonho da riqueza, coisa que o caboclo nunca almejou, pois sua lógica era a sobrevivência e nunca a acumulação de riqueza.

Os imigrantes europeus que vieram à Região do Contestado depois da restauração da paz, foram atraídos pelos planos de colonização das terras da Cia. Estrada-de-Ferro e do Governo do Estado, que se estenderam de 1918 até por volta de 1950.

Contudo, com a chegada de imigrantes italianos e alemães, vindos do Rio Grande do Sul, foi sendo formado um novo perfil de ocupação das terras. De acordo com Woloszyn (web,s.d., p. 17), todo esse território foi habitado pelo que chama de 'caboclo', que possui como características os resultados dos processos de miscigenação, de mistura das etnias existentes nesta região. Porém, a partir da

[...] chegada dos colonos camponeses, os caboclos foram expulsos pelas companhias colonizadoras das terras que ocupavam. Eles tiveram que trabalhar como peões [...] ou em atividades sazonais, como o plantio, a colheita ou a exploração de madeiras. Mesmo sendo bons profissionais, ao caboclo sempre couberam as menores remunerações, não permitindo que se capitalizasse. [...] Os descendentes de imigrantes tiveram acesso à terra e se capitalizaram, comprando novas terras ou investindo em atividades comerciais e industriais. O caboclo, porém, foi expropriado, explorado e vive atualmente à margem da sociedade, habitando nas periferias das cidades, trabalhando em subempregos e tendo, ainda, as menores remunerações. ([http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/historia/BUSCA\\_TERRA\\_COLONIZACA\\_O\\_EXPLORACAO\\_MADEIRAS\\_OESTE\\_CATARINENSE.pdf](http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/historia/BUSCA_TERRA_COLONIZACA_O_EXPLORACAO_MADEIRAS_OESTE_CATARINENSE.pdf))

O conhecimento da existência de questões da ordem da dominação, da conquista, da ocupação e da colonização são prioritárias para que seja possível compreender o perfil sócio-cultural desta região e, em particular, do município de Caçador.

### 1.1 A formação do município de Caçador nos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais

O distrito foi criado com a denominação de Rio Caçador, pela lei municipal nº 289, de 0901-1923, subordinado ao município de Campos Novos<sup>6</sup>. Sua localização, no Estado de Santa Catarina na região meio-oeste, fazendo divisa a oeste com o estado do Paraná, especificamente com General Carneiro, como se vê na figura 3:



Figura 3 - Mapa de Santa Catarina, com a localização do município de Caçador  
Fonte: <http://www.cacador.sc.gov.br/sa>

A vila passa a receber diversos descendentes de imigrantes italianos e alemães, principalmente.

Em 1924, é construída a Ponte de Madeira Coberta sobre o Rio do Peixe, ligando o Distrito de Rio Caçador com o Distrito de Santelmo, este pertencente ao Estado do Paraná, mais precisamente ao município de Porto União da Vitória. A construção foi possível devido à iniciativa do empresário Antônio Bortolon, auxiliado

---

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 26 jul 2010.

pelas famílias Sorgatto, Ferreira e Bento; a Ponte de Madeira representou um aspecto relevante para o desenvolvimento de Caçador, fato que posteriormente contribuiu para a formação de um único município.

A partir da construção da Ponte, passa a existir o interesse na compra e venda de terras e os primeiros lotes começam a ser comercializados no Santelmo. Atualmente, o Santelmo se caracteriza como um dos bairros do município.

Em 1928, o casal Dante e Albina Mosconi funda, no Santelmo, o Colégio Aurora (fig. 4), outro marco de extrema importância para o desenvolvimento de Caçador, tendo em vista que o local logo se transforma em um centro de referência, no qual passam a estudar os filhos das famílias da região, para ali adquirir sua formação escolar.



Figura 4 - Colégio Aurora – década de 30  
Fonte: APC

Como o município de Campos Novos era contrário à independência, em 1932, Caçador passa a pertencer ao município de Curitibaanos, para, dois anos depois, conquistar a emancipação político-administrativa. Elevado à categoria de município com a denominação de Caçador pelo decreto estadual nº 508, de 22-02-1934,



desmembrado do municípios de Curitibaanos, Campos Novos, Cruzeiro, Porto União.<sup>7</sup> Instalado em 25 de março de 1934, quando é empossado o primeiro prefeito, Sr. Leônidas Coelho de Souza (fig. 5).



Figura 5 – Almoço de instalação do município de Caçador  
Fotografia do Jornal de Caçador – 30 de março de 1935  
Fonte: APC

Com vistas ao progresso econômico e cultural e, para estar em consonância com os avanços tecnológicos que ocorriam na época, em 1947, foi inaugurado o Cine Luz e, no ano seguinte, acontece a inauguração da Rádio Caçanjurê.

De acordo com os registros históricos encontrados no APC<sup>8</sup>, os anos 50 foram mais expressivos para o desenvolvimento de Caçador, que ainda recebe famílias vindas do Rio Grande do Sul, de origens italiana e alemã, principalmente. Na agricultura, a produção de trigo e uva, facilmente escoada pela estrada de ferro, atinge seu auge e começa a gerar lucro bastante significativo. O ramo madeireiro

<sup>7</sup> Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 26 jul 2010.

<sup>8</sup> Esta sigla será usada no decorrer do texto, tendo como significado o Arquivo Público de Caçador.

continua predominante com cerca de 200 serrarias existentes na cidade nesta época. A maioria da madeira utilizada na construção de Brasília, entre 1957 e 1960, era proveniente do município, ocasionando um impulso econômico não somente em Caçador, mas em toda a região.

Com base em pesquisas realizadas junto à Secretaria da Catedral, constata-se que a Paróquia São Francisco de Assis, inicialmente denominada Paróquia São Francisco de Assis de Rio Caçador, foi criada em 01 de janeiro de 1934, pelo Bispo de Lages, Dom Daniel Hostin, desmembrada das freguesias de Campos Novos, Curitiba e Porto União. Foi atendida pelos padres Missionários de São Francisco de Sales, que permaneceram na cidade até fevereiro de 1981.

A Capela (fig. 6), construída em madeira, localizava-se num dos pontos mais elevados, no mesmo terreno onde seria construída, mais tarde, em alvenaria. Percebe-se na fotografia da década de 20, no entorno da capela, o grande número de pinheiros da espécie araucária, árvore que é nativa na região.



Figura 6 - Capela de Rio Caçador – década de 20  
Fonte: APC

A construção da atual catedral teve início no dia 01 de março de 1938. Em 1940, precisamente no dia 06 de outubro, foi abençoada sua pedra fundamental, embora a construção já estivesse na altura das janelas (fig. 7).

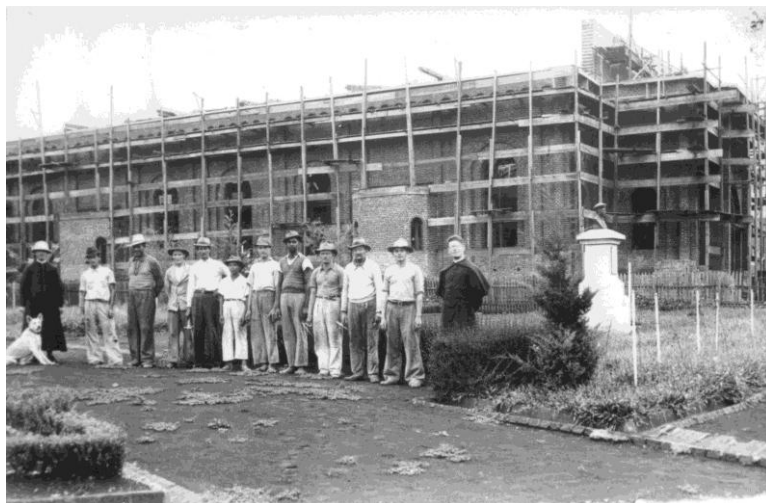


Figura 7 - Catedral em fase de construção - 1940  
Fonte: APC

As obras iniciadas em 1938 só foram concluídas em 1959 (21 anos depois), quando no dia 18 de outubro, com o acabamento da pintura, foi inaugurada (fig. 8).

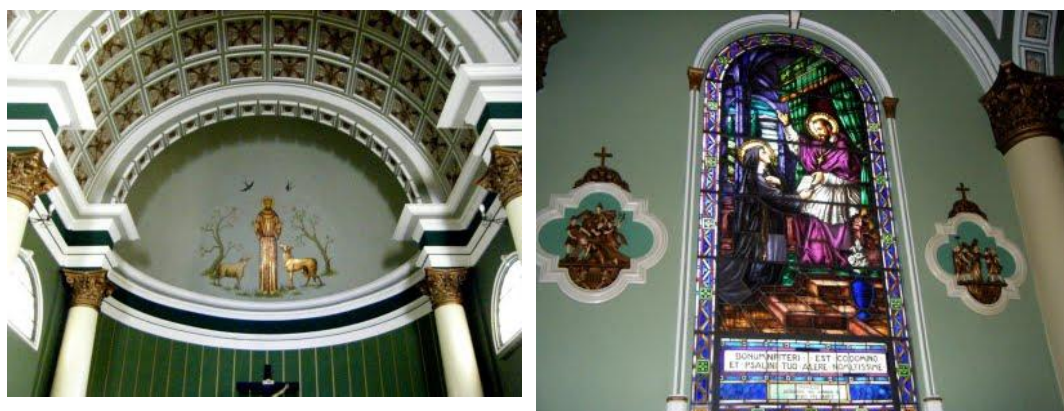


Figura 8 - Catedral São Francisco de Assis – foto de 1960  
Fonte: Arquivo da Catedral

O arquiteto da obra foi o Dr. Dante Mosconi. O espanhol Francisco Quintas Perez ficou responsável pela obra e o também espanhol Celestino Roig Artigas foi o autor e realizador do projeto de decoração e pintura. A decoração, em gesso, possui requintados detalhes, como os relevos muito bem elaborados (fig. 9 e 10).

O Professor Guerino Beber, em artigo publicado no jornal Imprensa Catarinense, no dia 25 de maio de 1985, por ocasião da reforma da catedral, comenta:

A Catedral São Francisco de Assis de Caçador é o monumento de maior valor artístico e sócio-cultural de nossa cidade. O templo foi erguido dentro das características de estilo clássico romano, ou neoclássico em três naves, capelas, altar-mor e adro de entrada. As colunatas que dividem as naves são de estilo coríntio, em fino acabamento arquitetônico, em forma lisa e arredondada, encimadas por capitéis com folhas de acanto. O estilo arquitetônico da Catedral São Francisco de Assis prende-se decididamente às raízes antropológicas do município de Caçador, de etnia predominantemente italiana. O estilo neoclássico se define pelo acúmulo de características típicas de estilos arquitetônicos anteriores, tornando-se assim um mosaico de estilo diferente.



Figuras 9 e 10 - Interior da Catedral São Francisco de Assis  
Fonte: <http://cacadorinfo.blogspot.com/2009/09/catedral-sao-francisco-de-assis-2.html>

O ramo madeireiro teve sua economia fortalecida com a construção de Brasília, quando do município foram enviadas várias cargas das madeiras nativas como araucária e imbuia.

Em função das grandes retiradas de madeira das florestas, a partir da década de 60, os madeireiros perceberam que a reserva natural da floresta de pinhais no município estava esgotando-se e que não tardaria muito para a crise do ramo madeireiro.

Outro fator que conduziu à novas práticas econômicas foi a implementação de leis ambientais mais exigentes, o Instituto Brasileiro do Meio ambiente (IBAMA) passa a fiscalizar as serrarias, ocasionando o fechamento de diversas delas. O reflorestamento do pinus foi a solução encontrada, vindo a cobrir esta lacuna e tornando-se a salvação de algumas madeiras que absorvem o reflorestamento. A crise do ramo madeireiro da década de 70 foi sentida pelo setor e a floresta de araucárias não era mais abundante. Com a devastação em todo território do município, muitas serrarias, aos poucos, decretaram falência. Outras começaram a investir no reflorestamento de pinus apesar desse tipo de árvore não ser valorizada, alguns empresários do ramo consideravam a madeira “fraca”, sujeita à ação de cupins.

Com o início do corte das áreas reflorestadas, as indústrias começam a beneficiar a madeira produzindo móveis, papel e papelão.

Em 1971, é inaugurada a Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe (FEARPE), que em 1997 passa a ser denominada Universidade do Contestado (UnC), juntamente com os municípios de Canoinhas, Concórdia, Curitiba e Mafra, tornando-se um marco para a educação superior na região. Recentemente, no ano de 2009, Caçador desmembra-se dos outros municípios e cria a Universidade Alto Vale do Rio do Peixe.

No ano de 1974, é criado o Museu Histórico e Antropológico do Contestado, pela Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe – FEARPE, com o objetivo

de documentar, restaurar e preservar viva a memória e a cultura do passado de Caçador e região. O projeto foi idealizado pelo historiador Nilson Thomé e pelo antropólogo Thomas Pieters. No dia 25 de outubro de 1986, a FEARPE inaugurou a sede própria do museu, o edifício Achilles Stenghel. A nova sede do museu recebeu o nome do engenheiro da época da construção da estrada de ferro. O prédio de madeira foi construído com recursos do Governo Estadual e a participação do poder municipal e indústrias da cidade. Trata-se de uma réplica da antiga Estação Ferroviária de Rio Caçador.

O acervo do Museu Histórico e Antropológico do Contestado é formado de armas e uniformes usados pelos militares durante a Guerra do Contestado, diversos equipamentos utilizados na Estação Ferroviária, objetos do cotidiano que pertenceram às famílias da cidade. No pavimento superior, existe o acervo antropológico, com materiais encontrados em escavações e utensílios indígenas das tribos Kaikang e Xogleng.

Na década de 90, a indústria teve seu crescimento acelerado e as madeiras passam a ser destaque novamente, colocando Caçador como um dos principais exportadores de Santa Catarina.

Todos os dados tratados até aqui são relevantes no que diz respeito à compreensão dos processos econômicos, sociais e culturais que o município vivenciou desde o início de sua formação. Tais dados contribuem para que se possa formular um mapeamento dos fatos, sua origem e seus desdobramentos.

Com base nesses dados é possível perceber a conjuntura urbanística, através dos mapas que revelam a maneira como ocorreu a ocupação do espaço territorial do município de Caçador. Em pesquisa junto ao Instituto de Planejamento Urbano de Caçador - IPUC tem-se os registros dos Mapas de evolução histórica da ocupação

do espaço urbano que passa a ser constituído como o município de Caçador, conforme figuras 11 e 12:



Figura 11 – Mapa de evolução histórica de ocupação na década de 40  
Fonte – IPUC

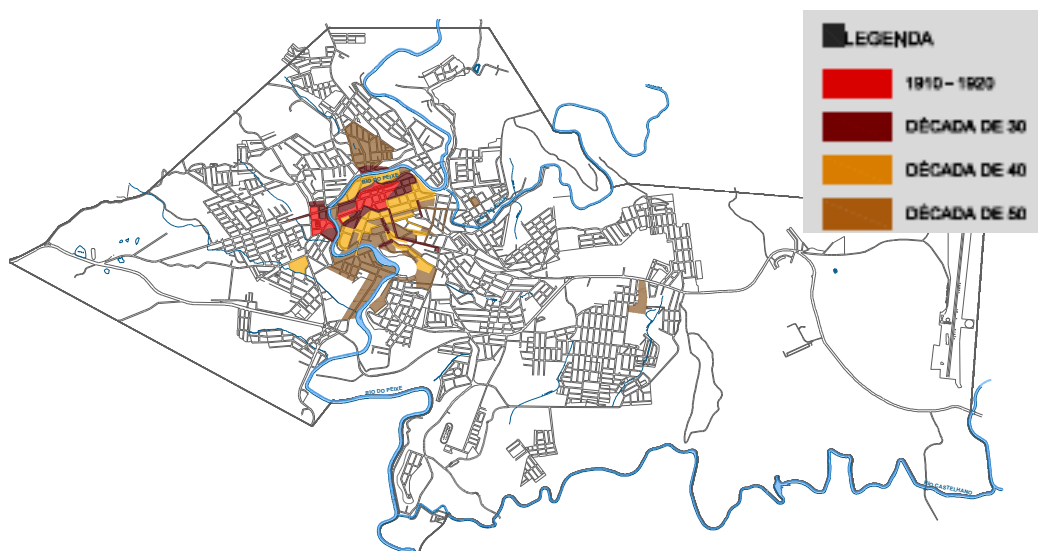


Fig. 12 – Mapa de evolução histórica de ocupação na década de 50  
Fonte: IPUC

A observação que se faz a partir da análise desses mapas, inicialmente é a maneira como as ocupações e construções ocorreram. Nota-se o contorno azul, reconhecido como sendo o Rio do Peixe, que corta a cidade; margeando o rio, há a

linha férrea e, em seu entorno, surge a cidade. Essa característica é percebida não somente em Caçador, mas também em outras cidades da região e estado, por ser o trem o transporte utilizado para passageiros e cargas. Tudo o que chegava ao município era através desse meio de transporte.

Face ao exposto sobre os aspectos históricos de constituição da cidade de Caçador, suas atribuições e interferências no dia-a-dia da população, há que se ponderar a relação decorrente desse contexto histórico com os aspectos contemporâneos da cidade. Constata-se que o cenário hoje existente é resultado dos aspectos históricos e de formação da sociedade como um todo, cuja análise indicou a influência do cenário político, econômico e cultural.

No campo político, observa-se que a forma de ocupação que deu origem ao município teve influência nos direcionamentos ocorridos ao longo dos anos. Uma cidade que se constituiu com base na dominação, da posse de terras, do extermínio de pessoas, certamente trouxe para seu cotidiano tais influências.

No campo econômico, verifica-se que sua base no município, se dá no setor madeireiro; ocupação, domínio, apropriação de terras, culminou com uma economia pautada na continuidade da exploração, tanto dos recursos naturais, por exemplo, as florestas, como no âmbito de pessoas e seus empregos.

De acordo com Thomé (2005, p.4), desde os tempos em que a ação do chamado, pelo autor, “Homem do Contestado”, tem-se um legado deixado por tal homem:

Para a posteridade, o Homem do Contestado legou a Santa Catarina uma herança cultural que inclui: uma lição de valentia e bravura, não se submetendo à tirania e à opressão, preferindo lutar e morrer tentando ser livre; [...] finalmente, uma contribuição ímpar na descoberta de caminhos para levar os catarinenses a conquistar a sua cidadania através da ação comunitária.



O reflexo que esse episódio, narrado por vários autores, conhecido como Guerra do Contestado trouxe para a constituição do município de Caçador, ficou evidente na maneira pela qual a população se relacionou com seu espaço e seu conceito de sociedade, que passa a ser o de afirmação social e a busca de uma identidade cultural. Apesar de todas as implicações deixadas após os conflitos, percebeu-se que a sociedade local teve a preocupação em esquecer tais episódios, haja vista a violência com que ocorreram. Buscou-se situar geográfica, política, econômica e culturalmente a região, em especial o município, para que fosse possível compreender o espaço urbano e suas relações com a vida artística e cultural desta cidade.

## 1.2 O espaço urbano

Para Bachelard (2005, p. 358), “a casa é nosso canto no mundo”. Dessa maneira, o autor evidencia a relação de aconchego e aproximação que a casa exerce sobre os indivíduos. Destaca que a memória é ativada através do convívio estabelecido entre os sujeitos e seus *habitats*. Para o autor, a casa, enquanto primeira morada, constitui-se em elemento indissociável durante toda existência humana, funcionando como uma imagem que conduz às lembranças do que fora vivenciado neste espaço.

A cidade como espaço habitado é a grande morada. Nela estão alocados os costumes, valores, crenças e as memórias. É na maneira pela qual a cidade se constitui o fator revelador acerca de seus usos e tradições. Nessa perspectiva, os espaços de memória estão intimamente ligados à constituição física da cidade, com seus valores estéticos. Valores esses que dependem das relações estabelecidas

com as diferentes culturas que, aos poucos, foram se instalando na cidade e seu entorno.

Com o passar dos anos, o macro espaço que começou a ser habitado, sofre alterações, quer seja pelo desgaste natural, quer seja pela imposição que a economia passa a exercer mais fortemente na cidade que se constitui.

Em conjunto com os fatores expostos, situa-se a memória individual e coletiva, que não pode ser simplesmente apagada como quando se destitui uma edificação; pelo contrário, ela não é efêmera nem tão pouco constituída de matéria física. Contudo, mesmo quando se fala da marca material, como as edificações, sejam elas comerciais, sociais ou particulares, está se falando de memória imaterial também. É nessa memória que estão presentes as ações vividas pelos sujeitos, cada qual em seu tempo.

Dentro da perspectiva do espaço da cidade, Pesavento (2007, p. 4) reflete que

Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados no mundo. Cidades pressupõem a construção de um *ethos*, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de urbano.

O que ocorre, na realidade, é um distanciamento do *ethos*<sup>9</sup> no urbano, em função de uma demanda mais ligada ao mercadológico, importando muito pouco as questões que possam ter como reflexão o *ethos* ao qual a autora se refere. Valores que realmente têm intimidade com os moradores e sua história são facilmente destituídos, como se já não tivessem sentido algum.

Ao perceber a maneira pela qual a maioria das cidades do interior se constitui, constata-se que muitas são as proximidades: iniciam em torno de um centro estrategicamente estabelecido; depois, os arredores surgem de maneira nem um

---

<sup>9</sup> A palavra de origem grega que significa valores, ética, hábitos e harmonia. Para a sociologia corresponde ao conjunto de costumes de um povo.

pouco ordenada, estando em voga a posse de bens, simplesmente. E tudo “evolui” de maneira ordenada ou não, não importa; o que interessam são as vantagens que surgem com cada imóvel adquirido, comprado e vendido. Tais vantagens são conhecidas como especulações imobiliárias, que possuem, na atualidade, uma posição relevante, no que diz respeito às lógicas de mercado, forçando, inclusive, a destruição de imóveis que guardam a memória dos espaços urbanos.

Nessa perspectiva, Limena (2001, p.7), pondera acerca do pensamento das cidades:

[...] a cidade não pode ser pensada apenas como projeto, espaço produzido, conjunto finito de bens e funções visíveis, mas como um sistema aberto, voltado ao que concerne à memória de seus habitantes, que são, em sua essência, afetivos, estéticos, sociais e históricos.

A autora considera as relações da cidade indissociáveis da memória e das vivências de sua população, suas histórias de vida com seus relatos associados. Portanto, o espaço urbano é algo mais do que simplesmente um conjunto de habitações, ruas e serviços essenciais; é, sim, um espaço de relações, onde seus habitantes passam a constituir um cenário real de interações.

Nos períodos analisados pela pesquisa em Caçador, foi possível constatar que as relações existentes entre o espaço urbano, daquele tempo, constituem-se num conjunto, ao lado das histórias narradas pelos entrevistados. Havia um cenário bem definido, no qual estavam as edificações com seus significados, ou seja, o espaço formava-se a partir da matéria constituída e as representações que lhe eram pertinentes. Diante disso, não há como separar o modo de vida da população desse cenário, um depende do outro para existir.

Em “O direito à cidade”, Lefebvre (1999, p. 57) pondera que a “cidade intensifica, organizando a exploração de toda a sociedade. Isto é dizer que ela não é

o lugar passivo da produção ou da concentração dos capitais, mas sim que o urbano intervém como tal na produção”.

Ao trazer as palavras do autor para essa proposta de reflexão, pode-se dizer que o direito à moradia, o direito ao habitar o espaço, ou seja, o “direito à cidade” se dá de forma completa à medida que essa condição vai além das palavras em sua significação, devendo assegurar o direito enquanto memória e identidade, presentes no espaço individual e coletivo.

As relações entre cidade e indivíduo ocorrem na medida em que o urbano acolhe e concede ao sujeito o direito de estar e permanecer nela, tanto em seus locais individuais, suas moradias, como no entorno da cidade.

É através dessa perspectiva que ocorrem as análises dos eventos do município de Caçador nas décadas de 40 e 50, quando fica claro que para de fato pertencer a esta cidade, era necessário interagir com o que acontecia como no caso do cinema, da rádio e, principalmente dos bailes. Era premissa básica para possuir visibilidade, pertencer e frequentar os espaços de cultura que se encontravam constituídos.

As identidades são garantidas por meio da participação efetiva na cultura. Pensar cultura, fruir cultura, agir culturalmente; isso é o que norteia o pensamento para o desenvolvimento, que pode garantir aos espaços das cidades a efetivação da memória, estabelecendo um estreitamento entre passado e presente.

Outra referência bastante significativa nessa discussão é a pesquisa desenvolvida por Eckert e Rocha (2005, p. 161), quando apontam que

[...] a cidade é concebida como um objeto temporal [que] possui a possibilidade de absorção de todas as histórias dos grupos humanos que por ali passaram tanto quanto de dissolução de seus signos culturais, os quais se tornam, aqui, objetos etnográficos, ou seja, pré-textos para a geração de novas histórias a serem narradas.

Dessa maneira, o estudo da cidade e sua relação antropológica traduzem uma nova relação dos seus habitantes com suas próprias histórias, o que permite o passado e o presente estarem mais próximos e dessa forma produzirem novos significados a partir das situações já vivenciadas.

Faz-se necessário, também, pensar a cidade e sua identidade, através da descoberta e relações estabelecidas do individual com o coletivo, em um conceito que vai além do local, para atingir o espaço vivido pela coletividade.

Para Benjamin (1987, p. 193), na perspectiva da cidade, ocupação e moradia,

[...] os edifícios acompanham a humanidade desde sua pré-história. [...]. A necessidade humana de morar é permanente. A arquitetura jamais deixou de existir. Sua história é mais longa que a de qualquer outra arte, e é importante ter presente a sua influência em qualquer tentativa de compreender a relação entre as massas e a obra de arte.

O que Benjamin preconiza é o fato de o ser humano sempre ter a preocupação com a condição da moradia; através de análise da história da humanidade, é possível perceber que o fator arquitetura acompanha a própria evolução. Portanto, a arquitetura, independentemente dos estilos e épocas, sempre esteve vinculada à inserção do homem em sociedade, pois este se relaciona com o espaço a partir de sua moradia. Todas essas relações criam um vínculo com a memória social, pois, segundo Mesentier (2008, p. 14)

As áreas urbanas de valor patrimonial são, portanto, suportes materiais da memória social que possibilitam a construção de identidades coletivo/sociais numa perspectiva democrática, porque contribuem para a construção e difusão do sentido de história na sociedade [...]

Na perspectiva de pensar o espaço urbano como lugar comum de convívio, são estabelecidas as relações que as influências arquitetônicas percebidas no município de Caçador, com ênfase nos períodos que vão de 1940 ao final da década de 50, exerceram no âmbito sócio-econômico e cultural. Influências essas que têm

base em uma *arte déco*<sup>10</sup> ou o gosto *déco* que parte de uma aplicabilidade pura e simples, cujos registros históricos não constam os motivos que existiram para que construções com esse perfil fossem iniciadas. Pode-se dizer, então, que a arquitetura praticada nesse período não passou de um ato de construir, quando foram trazidos construtores e mestres da construção de municípios onde esta prática era corrente, principalmente proveniente de Curitiba e região. Dessa maneira, tratava-se de uma prática mais ligada a um “modismo” do que propriamente a existência de pesquisa ou uma vontade em construir de tal forma. Como exemplo do exposto, tem-se a imagem de uma construção da década de 40 (fig. 13), o que ressalta o fato de em uma determinada via pública tal exemplar ser percebido repetidas vezes, dentro de seus detalhes.



Figura 13 - Construção do ano de 1948  
Fonte: arquivo da autora, registrado em outubro de 2008

<sup>10</sup> Na maioria dos casos, são construções em alvenaria de tijolos revestida com reboco. Com exceção das igrejas e de algumas das instalações fabris, nelas a estética *déco* é evidenciada, sobretudo, na forma de detalhes ornamentais das fachadas, que, por sua vez, são empregados de forma bastante parcimoniosa.

As platibandas são, de forma recorrente, o elemento que coroa a composição das fachadas. Nelas predominam soluções escalonadas, combinadas a superfícies lisas ou decoradas com frisos ou com relevos geométricos aplicados. Em alguns casos, a platibanda surge como um prolongamento da parede externa, recebendo como elemento de arremate apenas uma faixa delicada ou, além desta, outra faixa ou marquise estreita – definindo o limite inferior da platibanda (CORREIA, 2008, web).

O espaço urbano constituído passa a ser espaço de convívio e circulação, no qual as construções que foram erguidas exercem influência no modo de vida da população local daquele tempo. Portanto, a influência do urbano nas manifestações artísticas e culturais torna-se mais visível, à medida que as edificações tomam conta do espaço, transformando-o e dando novas visibilidades aos hábitos e eventos que passam a existir na cidade.

Os lugares falam muito da história de vida de uma comunidade. Através da descoberta da significação desses, pode-se traçar um perfil mais adequado às manifestações artístico-culturais. Certeau (1996, p. 189) fala de lugares com possibilidades de serem desvendados:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.

Percorrer os espaços e lugares habitados revela as conexões existentes entre esses e os indivíduos, suas memórias e histórias que permanecem em uma instância ainda não desvelada, e que é necessário buscar nas memórias individuais ou coletivas, oportunidades para que possam se revelar diante do presente. Tal busca estabelece possibilidades de construção e revelação de um imaginário que se encontra adormecido, deixado no tempo, relegado a pouco valor.

As décadas de 40 e 50 representaram, no município de Caçador, o início de um processo de implementação de grande expressividade no que diz respeito aos espaços construídos. Assim, o espaço urbano passa a adquirir uma nova configuração, em que as construções surgem de maneira mais consistente, quando começaram nessa época as construções em alvenaria, que deram a ideia de durabilidade, de maior estabilidade do ponto de vista material e técnico. Algumas

dessas construções são realizadas em alvenaria somente na sua fachada, porém grande parte utilizou esse material em toda sua extensão. Diferente das construções de madeira, aquelas surgem com um sentido de requinte, de opulência, pois foram consideradas construções nobres e ricas devido à resistência que os materiais proporcionaram.

Tais construções passam a abrigar nessas décadas os espaços urbanos da coletividade, o que concede ao município um aspecto de maior desenvolvimento dentro da economia, bem como no que diz respeito à inserção cultural.



## 2 SUBSÍDIOS PARA ESTUDAR A CIDADE DE CAÇADOR

O campo de pesquisa caracterizou-se por um cenário no qual foi necessária a compreensão de conceitos que nortearam esse estudo. Dessa forma, apresenta-se o percurso teórico acerca da cultura e arte, política cultural memória e história oral.

### 2.1 Cultura e arte

“Você tem cultura?” é o título de um artigo de Roberto Da Matta, publicado no Jornal da Embratel, Rio de Janeiro em 1981. O questionamento que dá título ao referido artigo é, no mínimo, provocador; sob o ponto de vista dos antropólogos, que é de onde o autor se coloca, cultura pode ser caracterizada como o modo pelo qual um determinado grupo, país, sociedade ou indivíduo, pensa, vive e convive em seu meio.

O autor pondera acerca da cultura como código de condutas, porém esse não é escolhido simplesmente. “É algo que está dentro e fora de cada um de nós [...] as regras que formam a cultura (ou a cultura como regra) é algo que permite relacionar indivíduos entre si e o próprio grupo com o ambiente onde vivem.” (MATTA, 1981).

Segundo Eagleton (2003, p. 9-20), o conceito de cultura, considerando-se sua etimologia, “[...] é um conceito derivado do de natureza. Um de seus significados originais é ‘lavoura’ ou ‘cultivo agrícola’, o cultivo que cresce naturalmente.” Portanto, considerando-se este uso, assim como a plantação, a natureza humana precisa ser cultivada. Passou também pela lógica da civilidade, porém “[...] no século XVIII, torna-se mais ou menos sinônima de ‘civilização’, no sentido de um processo

geral de progresso intelectual, espiritual e material.” Contudo, o termo ‘civilização’ advindo do francês, significava o conjunto de modo da “vida política, econômica e técnica, a cultura germânica tinha uma referência [...] religiosa, artística e intelectual.”

A partir do século XIX, inicia-se o distanciamento de civilidade e cultura, tornando-se antônimos, pois “[...] enquanto ‘civilização’ é um termo de caráter sociável, uma questão de espírito cordial e maneiras agradáveis, cultura é algo inteiramente mais solene, espiritual, crítico e de altos princípios.” (EAGLETON, 2003, p. 22)

Laraia cita o antropólogo inglês Tylor (1832-1917), o qual associou os termos *Kultur e Civilization*, no vocábulo *Culture*, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.(apud LARAIA, 1998, p. 14)

O ser humano e seu comportamento passam a ser estudados e compreendidos através desta ciência chamada cultura, que não estará em busca somente dos padrões e modelos de comportamento e hábitos, mas também, dará suporte ao entendimento do que se relaciona ao conjunto de regras, instruções, normas. Dessa forma, toda a produção realizada pelos seres humanos e a maneira como são transmitidas através de suas gerações são abordadas pela cultura.

Através da cultura e de seu estudo, podem-se perceber as relações existentes entre determinados fatos e os comportamentos que os mesmos são capazes de gerar. Nas ligações que passam a ser estabelecidas entre passado e presente, entre o que ocorreu e aquilo que está acontecendo, é possível notar os traços que a cultura deixa na sociedade. Esses traços ou marcas de um

comportamento podem ser entendidos como uma característica que não é isolada, mas que é fator de regulação de comportamentos.

Distintamente, tem-se, na concepção de cultura, a amplitude antropológica e a sociológica. É na compreensão dessas duas instâncias que se torna possível perceber em que dimensão a cultura pode ser tratada e conceituada.

Na concepção antropológica, conforme Botelho (2001, p. 2), “a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas.” Assim, trata-se de um âmbito que envolve as questões de caráter simbólico e material.

A concepção sociológica da cultura “refere-se a um conjunto diversificado de demandas profissionais, institucionais, políticas e econômicas, tendo, portanto, visibilidade em si própria.” (BOTELHO, 2001, p. 3).

Pondera-se, aqui, acerca das considerações de Botelho as quais são fundamentais os entendimentos entre as duas dimensões colocadas para as políticas públicas, uma vez que a distinção entre elas produzirá a condução do que será pensado em termos de cultura nacional, estadual e municipal.

Contudo, como a concepção sociológica é mais palpável, acaba se tornando meio recorrente para as ações que envolvem a cultura. Ao passo que a antropológica pautar-se-á em condições não tão visíveis, pode-se dizer, assim, que não necessita do que é formal nem tão pouco material, sendo ligada à subjetividade.

Para falar de cultura e arte, Geertz (2003, p. 165) possibilita o entendimento diante da dualidade na qual a teoria de arte é igual a teoria de cultura, pois a compreensão de uma passa pelo conhecimento da outra, pois a arte, de certa forma,

depende da cultura do local, de um contexto social para que se possa estabelecer relações com aquela.

Para Teixeira Coelho (2008), cultura e arte têm caracterizações distintas, no que tange aos aspectos mais substanciais. Ao analisar suas considerações, podem-se estabelecer algumas distinções entre os conceitos.

Para a cultura, tem-se um padrão, que se dá pelos hábitos adquiridos, pelo modo regado em que ocorrem as manifestações da cultura e que conduzem o indivíduo a uma identificação relacionada com a questão da identidade, daquilo que já se conhece; tal aspecto proporciona o que o autor classifica como o abrigo, o conforto, o reconforto.

Estar diante de algo que conduz ao que já está previsto e ao que a memória estará preparada para ver, viver e reviver traz esta situação reconfortante que não desinstala do lugar ocupado.

Diante dos conceitos expostos, entende-se a cultura e seus processos como um conjunto de valores estabelecidos pelo tempo e as suas relações de hábitos e costumes praticados em uma determinada sociedade.

No estudo realizado sobre os aspectos artísticos, culturais e sociais no município de Caçador nas décadas de 40 e 50, puderam ser percebidas essas relações e como a cultura era pensada e praticada pela sociedade daquela época. Tais maneiras se davam através do envolvimento dos indivíduos com os eventos e fatos sociais que a cidade possuía então. Percebe-se, dessa forma, que para aquela sociedade, a cultura estava em situação análoga com a civilidade.

Tais conceituações embasaram a pesquisa sobre os aspectos culturais do município de Caçador, quando foram evidenciados os acontecimentos que marcaram as décadas de 40 e 50. No que diz respeito aos eventos dos clubes, no

quais se deu todo o tipo de reunião, produziu em seu interior a identificação dos indivíduos com aquilo que consideravam fazer parte de seus repertórios. A “cultura” que estava implícita nessas situações agregava uma concepção, um modo de vida peculiar. A visão que identificava os frequentadores desses clubes eram as funções sociais estabelecidas a partir da participação nos eventos.

Para a população da época, ter cultura ou viver culturalmente significava pertencer ao meio que os identificava. Participar, fazer-se presente nos espaços de cultura instituídos, trazia a ideia de pertencimento a essa sociedade. Isso se ampliava também ao cinema, lugar no qual ficou evidente que, além de assistir às programações ali exibidas, os indivíduos podiam estabelecer relações com seus pares.

Para o conceito da arte, tem-se o inédito, o desconhecido, a repulsão, o incômodo, termos usados por Teixeira Coelho (2008, p. 107) que acrescenta:

Arte não foi feita para promover a exclusão da violência, nem a inclusão social, como hoje se prefere afirmar num discurso simplista que ostenta tanto um desconhecimento do processo cultural mais amplo quanto uma vontade de controlar a arte e seus efeitos. Pelo menos, não a arte moderna e a arte contemporânea. Na política cultural há um jogo delicado entre a cultura e a arte. Apostar tudo na cultura é perder o jogo maior, talvez o único que interessa. Jogar todas as fichas na arte é passar ao lado da cultura comum, se ela pode existir e nos limites estreitos em que é desejável. O que se sabe de concreto é que todos os regimes totalitários, leigos ou religiosos, insistem na cultura e temem a arte.

Em concordância com o referido autor, traz-se nessa análise o que rege a cultura e o que rege a arte; a preocupação não é a de dizer que uma está em melhor posição em detrimento da outra, mas sim estabelecer diferenciações entre as duas manifestações presentes na sociedade, tanto da sociedade contemporânea como de um tempo mais remoto, de onde partiram as pesquisas (décadas de 40 e 50).

Os aspectos culturais no município de Caçador foram mais amplamente evidenciados, embora existissem manifestações da arte, estas não preponderaram

sobre a cultura; foram em menor número e frequência, o que caracteriza o município como um fomentador de cultura, dentro da concepção desse conceito que se tinha na época, associado muito mais à ideia de civilidade do que de cultura propriamente dita.

## 2.2 Política cultural

No tocante às políticas públicas, urge sistematizar ações que visem o tão esperado e almejado “desenvolvimento”, porém, sem deixar na contramão as estruturas que fazem parte dos espaços habitados. Refere-se, em especial, às construções que serviram de moradia e abrigavam, simultaneamente, o comércio ao qual a família se dedicava. Fato esse, marcante nas décadas de 40 e 50, no município de Caçador, cujas edificações precisam ser redescobertas, em sua totalidade, bem como os motivos de sua existência e o estilo da época em que foram construídos. Dito isso, entende-se que a redescoberta das construções em questão, no sentido de possibilitar uma nova leitura para a constituição da cidade, suas construções e suas atividades econômicas, poderá permitir um novo olhar para a formação da cidade em estudo, apontando para outros rumos que permitirão o envolvimento com a época em que se vive.

Existem dois conceitos os quais a amplitude que carregam está implícita nas ações: Cultura e Política. Para Canclini (2001, p. 65), as políticas culturais resumem-se a um “conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis e grupos comunitários organizados a fim de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para

um tipo de ordem ou de transformação social”. Teixeira Coelho (1997, p. 292) traz elementos que possibilitam ampliar este conceito afirmando que as iniciativas dos agentes de cultura visam “promover a produção, a distribuição e o uso da cultura, a preservação e divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável”; considera, ainda, política cultural como uma “ciência da organização das estruturas culturais” que tem como objetivo “o estudo dos diferentes modos de proposição e agenciamento dessas iniciativas, bem como a compreensão de suas significações nos diferentes contextos sociais em que se apresentam”.

As discussões acerca do termo ‘políticas culturais’ estão focadas no campo de atuação dessas políticas e nos agentes envolvidos em sua formulação e prática. Botelho (2001, p. 3) reconhece duas dimensões da cultura que deveriam ser consideradas alvos das políticas culturais: a dimensão sociológica, distintamente privilegiada por tais políticas, refere-se ao mercado, à cultura “elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão”; já a dimensão antropológica “remete à cultura produzida no cotidiano, representada pelos pequenos mundos construídos pelos indivíduos, que lhes garante equilíbrio e estabilidade no convívio social.”

Porém há que se ponderar que

[...] mesmo considerando experiências de políticas culturais democráticas, a dimensão antropológica termina também por ficar, em função de suas limitações concretas, reduzida ao plano retórico. Assim, a dimensão sociológica – por suas características próprias – acaba sendo a sua beneficiária mais evidente. (BOTELHO, 2001, p. 4)

Para as políticas culturais, interessa, com maior veemência, um modelo de política que seja facilmente visto pela população, que englobe o que possa ser

melhor visualizado, pouco interessando uma visão mais abrangente, detendo em seu significado uma consistência maior; a cultura vivida no dia a dia, os modos de convívio social, o que permeia o imaginário social. Essas ações, poucas vezes, serão pensadas como políticas culturais.

Segundo Botelho (2001), o que se tem observado a respeito das políticas culturais praticadas nos governos, em todas as esferas, é uma visão de que a cultura pode promover outros setores, principalmente o econômico e o turístico. O fato é que pensar a cultura sob essa ótica é retirar seu caráter próprio para lhe atribuir concepções que farão com que tenha um compromisso com questões alheias, deixando de lado seu verdadeiro foco: o de pensar e praticar a cultura pela própria cultura. Esse pensamento revela uma ideologia na qual se quer colocar a cultura como uma mercadoria, pouco importando o que existe para ser revelado e desenvolvido acerca da mesma.

O Brasil possui particularidades socioculturais, nas quais os diversos agentes que interagem no campo cultural possuem muitos desafios na elaboração e na prática de políticas culturais. As desigualdades observadas entre as regiões do país e entre os diferentes grupos sociais são exemplos de indicadores que revelam a necessidade de políticas de acesso aos bens culturais; aceitação e convivência com as diferenças; apoio a uma maior pluralidade de manifestações e segmentos sociais e culturais, dentre outras formas de incentivo.

Para Brandt (web, p. 14), a “cultura deve ser encarada como setor estratégico, de articulação entre as diversas instâncias e pastas governamentais, justamente pelo poder articulador da sociedade que é peculiar ao processo cultural.” Nesse sentido, afirma que “reconstituir o tecido social por meio da cultura significa



oferecer alternativas que contribuam para a igualdade de oportunidade e acesso aos bens e ao fazer cultural.”

Nessa perspectiva sobre políticas culturais, aponta-se que o município de Caçador apresenta algumas ações pontuais para a cultura. Como exemplos do exposto podem-se citar as oficinas culturais da Fundação Municipal de Cultura, que acontecem nas áreas da música, teatro e dança, principalmente. Porém para confirmar avanços na consolidação de políticas públicas na área, seria necessário ampliar o foco de entendimento acerca dos conceitos de cultura que o poder público possui, em consonância com as instâncias ligadas ao setor atuantes no município.

A Fundação Municipal de Cultura existe desde 2006 e funciona em prédio independente da Prefeitura ou Secretaria de Educação, de onde a Fundação em questão se origina, pois se designava anteriormente ‘Secretaria de Educação, Cultura e Esportes’. Caçador possui também um Conselho Municipal de Cultura, no qual se reúnem os conselheiros para que façam suas deliberações. De acordo com a LEI Nº 2633, de 20 de agosto de 2009, em seu Art. 4º, - Compete ao Conselho Municipal de Cultura, destacando-se aqui os itens

- I - formular a Política Municipal de Cultura; [...]
- VI - pronunciar-se, emitir pareceres e prestar informações sobre assuntos que digam respeito à cultura; [...]
- VIII - defender o patrimônio cultural do Município e incentivar a sua preservação;
- IX - incentivar a pesquisa e documentação sobre a memória do Município;
- X - estimular a coleta, incorporação, preservação e disseminação de documentos referentes a expressões culturais da comunidade; [...]
- XV - contribuir e assessorar a Fundação Municipal de Cultura no desenvolvimento da política cultural no município, em especial no resgate, preservação e divulgação da identidade cultural, social, histórica e artística;

Com isso, pode-se pensar que o município caminha para a construção e efetivação de uma política cultural de fato. O que deve ser observado é que se faz necessário pensar em uma concepção de cultura, quem é a população ‘consumidora’ desta, quais são os enfoques dados, pois isso tudo é algo que não

está no tempo presente. Fazer e pensar cultura vai além de pensar em produções culturais das etnias presentes no município, vai além de ações de curto prazo.

Há outro fator complicador no processo de concepções de políticas públicas é quando tais políticas são pensadas e levadas à efetivação pela sigla partidária que naquele momento encontra-se no poder, não tendo uma continuidade. Conforme Oliveira e Silva (2007, p.13), quando construíram análise das políticas culturais praticadas em Santa Catarina de 1987 à 2002, concluíram que a cada troca de governo, as dimensões dos conceitos de cultura iam sendo alterados de acordo com o comportamento predominante, quer fosse democrático-pluralista, liberal, ou de dirigismo-predominante. Essa constatação a que chegaram os pesquisadores não é uma característica exclusiva do estado ou da época investigada, é um fato comum entre os governos e suas ideologias.

### 2.3 Memória

A importância dada para a memória de uma sociedade possui limitações e poucas iniciativas públicas que elevem a memória a uma categoria merecedora de destaque e estudos mais aprofundados, salvo os espaços públicos, onde figuram monumentos e museus. Contudo, diversos autores já enfatizaram sua relevância, portanto há a necessidade em se adequar tais estudos científicos às políticas públicas.

Para Chauí (1999, p. 128), a palavra *memória* “[...] é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança.” Atualizar algo que até então era remoto, era vaga

lembrança é torná-lo atual. Isso foi evidenciado por meio das entrevistas, quando as memórias puderam fazer parte do presente, com as histórias narradas e ressignificadas. Isso não quer dizer uma volta ao passado, mas sim a possibilidade de trazer para o presente o que foi vivenciado anteriormente, produzindo novos significados para esses indivíduos.

O conhecimento acerca da cultura local enaltece a história de cada um. Mas é preciso dar visibilidade a essa cultura: fazer com que a população possa perceber que os termos *passado*, *memória*, *cultura*, e outros afins, estão no tempo presente. Com isso, os recortes de pensamento acerca da memória local farão sentido aos indivíduos que habitam os espaços, revelando-se que passado e presente podem estar em uma mesma esfera, conjugados com o pensar, sentir e agir da população.

Em algumas sociedades, a interpretação da memória se dá somente no âmbito do passado e não se considera que é na articulação do passado com o presente que as memórias farão sentido e, assim, podem passar a pertencer à coletividade, indo além do individual.

Por meio do fato de um indivíduo contar suas memórias já se torna possível realizar essa articulação de passado com presente, pois assim se retira de sua individualidade algum fato e faz a conexão com o presente por meio do seu ouvinte. Está aí a presentificação da memória referida por Chauí (1999).

Pode-se perceber a intensidade que tal feito provoca, pois, na realização das entrevistas, os indivíduos manifestaram a satisfação em contar o que estava guardado. Em algumas vezes, quando o entrevistado dizia não lembrar de muita coisa, atribui-se ao fato de que tal prática é pouco utilizada, o que gera um distanciamento ou até mesmo um esquecimento.

Stuart Hall (2006) parte do pressuposto de que a memória trabalha em processo dinâmico, no qual a reinterpretação das culturas dar-se-á de maneira ampla, ao mesmo tempo mantendo a identidade e se adaptando às mudanças. Dessa forma, a memória está em constante movimento, uma vez que não se pode modificar o que já ocorreu, porém, torna-se imutável, adaptando o que realmente aconteceu conforme as estruturas do presente.

É através do passado e suas implicações que se passa a refletir, compreender e interferir no presente. Nessa ótica, instala-se a compreensão da memória. Para Araújo Sá (2003, p.140),

[...] a memória não pode estar fixa na herança subjetiva ligada pelo passado, mas necessita ser re-criada continuamente para que possa dar um sentido à ordem presente. Assim, as memórias e identidades não são coisas fixas, mas representações ou construções da realidade, um fenômeno subjetivo ao invés de objetivo.

Passa-se, então, a contrapor duas questões que, inevitavelmente irão desencadear um novo momento de discussão: em primeiro lugar, o que se chama de memória e identidade relacionada com valores, hábitos e costumes de uma determinada população; em segundo lugar, está a relação dessa memória com os espaços urbanos habitados.

Nessa simbiose, evidencia-se a importância da valoração e valorização dos bens materiais e imateriais que compõem a história local, seja de um grande centro ou de uma pequena cidade.

De acordo com Mesentier (2008, p. 3), “o patrimônio cultural edificado pode ser pensado enquanto suporte da memória social”, uma vez que as edificações não se justificam apenas pela sua existência; é preciso mais: é preciso relacionar e buscar a relevância dos espaços não somente pela arquitetura significativa, mas também, através do que ‘as paredes podem nos contar’. Quem viveu ali? Como se

situava a história local no momento da construção de tal lugar? O espaço é ou foi coletivo? Se for coletivo, como era a atuação da comunidade nesse local? Esses e tantos outros questionamentos poderão auxiliar aqueles que estão em busca dos fatos e acontecimentos de épocas e lugares pré-definidos. Isso é memória.

A memória tornou-se tema de grande relevância para estudos desenvolvidos nas últimas décadas do século XX. Isto se deve a diversos fatores, porém ressaltam-se os momentos históricos, em que já não se vislumbrava uma possibilidade de futuro, ou quando um determinado grupo vive e sobrevive aos mais drásticos acontecimentos. Registram-se, então, as guerras, cujas proporções assumiram grandes escalas e de onde não se imaginava emergir.

Começa então, um maior número de pesquisas e estudos acerca da memória que aqui adquirem a nomenclatura de memória individual e memória coletiva.

No campo da memória, Halbwachs (1990) configura como um dos precursores dos estudos sobre o assunto. Segundo Sá (2007, p. 2), para Halbwachs é possível perceber a premissa de que a memória humana não é simplesmente “uma reprodução das experiências passadas, e sim uma construção, que se faz a partir daquelas, por certo, mas em função da realidade presente e com o apoio de recursos proporcionados pela sociedade e pela cultura.”

A memória é tratada por Halbwachs (1990, p. 26), com o termo ‘memória coletiva’, pois

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.

Embora lembranças e memórias sejam pessoais terão um cunho social se for estabelecido como resultado um processo de construção social que se dará através da interação com os demais indivíduos da sociedade.

Para Le Goff (1990, p.477), a memória designa-se como sendo um “elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” Essa busca torna-se menos árdua se esse indivíduo considerar que as lembranças são carregadas por ele e que, no processo de interação com a sociedade e os grupos aos quais pertence, estabelecerá o contraponto para que tais lembranças ou memórias se efetivem. Portanto, o outro tem papel fundamental no quesito da rememoração e da produção da memória.

Para esta pesquisa, o fator ‘memória’ possui significativo interesse, pois se trata de um conceito ligado diretamente às questões levantadas, enquanto proposição de análise e compreensão das relações que são estabelecidas entre a população do município de Caçador e as suas memórias, pois conforme Bosi (1994, p. 90),

A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão, a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos.

É dessa forma que a memória precisa ser pensada; não como um apelo ao passado, simplesmente, mas como uma rede de relações que vão se estabelecer à luz do que possa ser lembrado. Na instância das lembranças, é possível produzir novos significados, proporcionando aos indivíduos a certeza de se reconhecer como sujeitos de sua própria história.

## 2.4 História Oral

Segundo estudos das origens e motivos que conduzem à História Oral, entre eles o de Cassab (2003), a aborda no Brasil, bem como em outros países, mostram essa abordagem metodológica como aquela que mais se expandiu nas últimas décadas, possivelmente pela difusão do uso do gravador como também pelo grande volume de pesquisas sobre o tempo presente.

Para a História Oral, a narrativa constitui sua matéria prima, pois tratará dos relatos de vida e acontecimentos que permeiam a memória de um determinado grupo que passará a ser investigado.

De acordo com Meihy (2000, p. 29),

[...] história oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

A proposição abordada pelo autor diz respeito a um compromisso político, cuja base está na condição dos sujeitos entrevistados perceberem o quanto suas ações e contribuições possuem caráter formativo, ou seja, cada sujeito possui sua importância dentro da sociedade na qual está inserido, levando-o a compreender seu papel na participação dos fatos que constituem a História. Pode-se dizer que praticar e possibilitar a História Oral designa um caráter de cidadania, tendo em vista que transita pelo universo particular e coletivo.

A História Oral percorre a pesquisa junto com a hermenêutica, estudo que passou a ter importância com Dilthey (1833-1911). Esse filósofo exerceu influências na maneira de estudar e compreender o passado. De acordo com Alberti (2004),

Dilthey dizia que para compreender o homem é necessário compreender sua historicidade. Considera-se ainda que a maneira de pensar dentro da hermenêutica,

[...] não se resume obviamente à filosofia de Dilthey, consiste em valorizar o movimento de se colocar no lugar do outro para compreendê-lo e em acreditar que as coisas [...] têm um sentido latente, ou profundo, a que se chega pela interpretação. (ALBERTI, 2004, p. 18)

O que aproxima a história oral e a hermenêutica é a “categoria de vivência”. Para a autora, as relações que passam a ser estabelecidas a partir da aproximação do pesquisador com os dados que por ora levanta, conduzem a uma vivência que vai muito além de analisar os dados, mais que o envolvimento que passa a existir, haja vista que

[...] a história oral é genuinamente hermenêutica: o que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência. Saber compreender significa realizar um verdadeiro trabalho de hermenêutica, de interpretação. (ALBERTI, 2004, p. 19)

Na realização das entrevistas, foi possível perceber essas afirmações, pois os entrevistados passam a confiar no entrevistador, na medida em que esse demonstrar envolvimento com o assunto. Colocar-se no lugar do outro permite realizar uma análise com a consistência necessária e concede à pesquisa um caráter de maior credibilidade.

A autora coloca, ainda, “que as entrevistas têm valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam.” (ALBERTI, 2004, p. 19). Porém é importante observar que a história oral não solucionará tudo o que não está claro. Faz-se necessário que os critérios do que se busca sejam bem delineados, bem como que a seleção dos entrevistados esteja pautada em uma escolha daqueles que realmente contribuirão dentro do processo da pesquisa.

A história que passa a ser narrada pelos indivíduos de uma pesquisa, constituir-se-á em material de análise, pois estabelece ligações com outras fontes de



investigação como fotografias, documentos, matérias de jornal entre outros, formando uma base sólida de dados que estarão em pauta quando do confronto desses dados.

Segundo Rios (2000, p. 15), “quando o entrevistado fala sobre o tema solicitado, ele não está simplesmente informando sobre acontecimentos que nos interessam. Ele constrói o fato mediante a sua experiência.”

Nessa pesquisa, privilegiou-se tal abordagem, tendo em vista as relações que puderam ser estabelecidas a partir de relatos. Pode-se dizer que um fato conduz a outro, o que possibilita uma corrente de investigações em que as informações passam a se cruzar. Dessa forma, os dados obtidos através das entrevistas foram decisivos para que a busca em fontes escritas e fotográficas tivessem um foco claro; o inverso do exposto também é verdadeiro, ou seja, a descoberta de dados através de fontes escritas conduziram a busca de maiores informações a respeito de determinada questão, o que permitiu determinar mais claramente quais as pessoas a serem entrevistadas.

Portanto, o paralelo que se estabelece entre fontes orais, escritas e fotográficas é fundamental em processos investigativos de natureza cultural e social.

### **3 ASPECTOS ARTÍSTICOS, CULTURAIS E SOCIAIS NO MUNICÍPIO DE CAÇADOR, NAS DÉCADAS DE 40/50**

A partir das pesquisas realizadas no Arquivo Público de Caçador e com os moradores do município, foi possível estabelecer as relações de existência dos fatores culturais nas décadas de 40 e 50.

As investigações no Arquivo foram decisivas para ir ao encontro dos relatos e com frequência os dados obtidos conduziram a outras possibilidades, a novas fontes e referências. O espaço constituído do Arquivo ampliou o foco da pesquisa, pois foi referência primordial no decorrer do processo. Muitas vezes, o que estava contido nas matérias jornalísticas não acompanhava as lembranças dos entrevistados, fato que comprova sua importância, pois a memória necessita de estímulos para que seja trazida ao tempo presente.

No contato com os entrevistados, alguns não quiseram desafiar a memória e preferiram não compartilhar suas lembranças, com receio de esquecer, de não manter uma cronologia correta em seu raciocínio.

Em outros casos, para ativar a memória era preciso algum tipo de estímulo visual, principalmente por meio de fotos, que possuem uma relação muito próxima, pois é possível se ver naquele momento passado. Contudo, à proporção que os sujeitos da pesquisa conseguiam trazer o passado para o tempo presente, era visível a mudança que passava a ocorrer, até suas expressões adquiriam outro aspecto. Trata-se de oportunizar aos sujeitos da pesquisa um exercício de memória, de onde foram trazidas as lembranças, os detalhes dos eventos, fatos inusitados ou apenas poder falar daquilo que possuiu significado em suas vidas.

Na coleta de dados orais foi utilizada a gravação apenas em uma entrevista, pois se constatou que o gravador inibia e os entrevistados ficavam pouco à vontade. Em decorrência os registros foram realizados por meio de anotações dos dados mais significativos para a vivência de cada um.

O cruzamento de dados dos arquivos de jornais e das informações obtidas nas entrevistas, percebeu-se que, no município de Caçador, os aspectos da vida cultural das décadas de 40 e 50 estão ligados principalmente aos bailes, em diversas situações, ao cinema e sua ampla expansão, à rádio local com sua programação diversificada, à Escola de Música Municipal, conduzida pelo maestro Ladislao Liszkievich, manifestações teatrais e o pensamento literário.

### 3.1 Jornais e sua influência no cotidiano da população de Caçador

Segundo estudos de Paccola (2004), para se falar do surgimento dos jornais no Brasil, recorre-se à época de 1808, quando da chegada da família real no país. No navio no qual viajara a Família, vieram também equipamentos gráficos, dando origem à Imprensa régia que funcionou até 1821, sendo uma adaptação da Gazeta de Lisboa, intitulado aqui de Gazeta do Rio de Janeiro.

Conforme Paccola, (2004, p. 2),

D. João VI lia os escritos antes de irem ao prelo. Tudo o que era impresso no Brasil passava por essa tipografia oficial, que tinha regras claras sobre o que podia ou não ser publicado.  
A história registra que, três meses antes da impressão da *Gazeta do Rio de Janeiro*, Hipólito da Costa imprimia o primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense*, em Londres, que durou até dezembro de 1822. Com a censura oficial no Brasil, o jornal de Hipólito era uma voz dissonante dos portugueses. Hipólito, monarquista, era favorável ao fim gradativo da escravidão.

O cenário jornalístico no Brasil possui características delineadas a partir dos ideais abolicionistas, em que jornalistas engajados passam a publicar tais ideais. Após o período que marca o fim da escravidão, os jornais assumem caráter familiar, ou seja, pertencentes a uma família dedicada a tal finalidade, sendo os redatores, jornalistas e, muitas vezes, impressores. É nesse perfil que se situava o Jornal em Caçador nas décadas de 40 e 50.

Todo o percurso de pesquisa se deu através do Arquivo Público de Caçador, o qual possui encadernados os jornais que circulavam em Caçador. O foco esteve voltado para as edições que percorrem a pesquisa, ou seja, de 1940 a 1959. O jornal A Imprensa iniciou suas atividades no ano de 1920 em Porto União e em 1939 fora transferido para Caçador. Era de propriedade do Sr. Cid Gonzaga, tendo como redator o Sr. Zany Gonzaga. A edição mais antiga encontrada no APC é a do ano de 1948, conforme figura 14:



Figura 14 - Jornal A Imprensa de 25 de janeiro de 1948  
Fonte: APC

A partir de 1950, surge o Jornal de Caçador, sob a direção e responsabilidade do Sr. José Giacomini Filho, com registro na Associação Brasileira de Imprensa sob o número 3406 e como Diretor, o Sr. Normando Tedesco. (fig. 15)

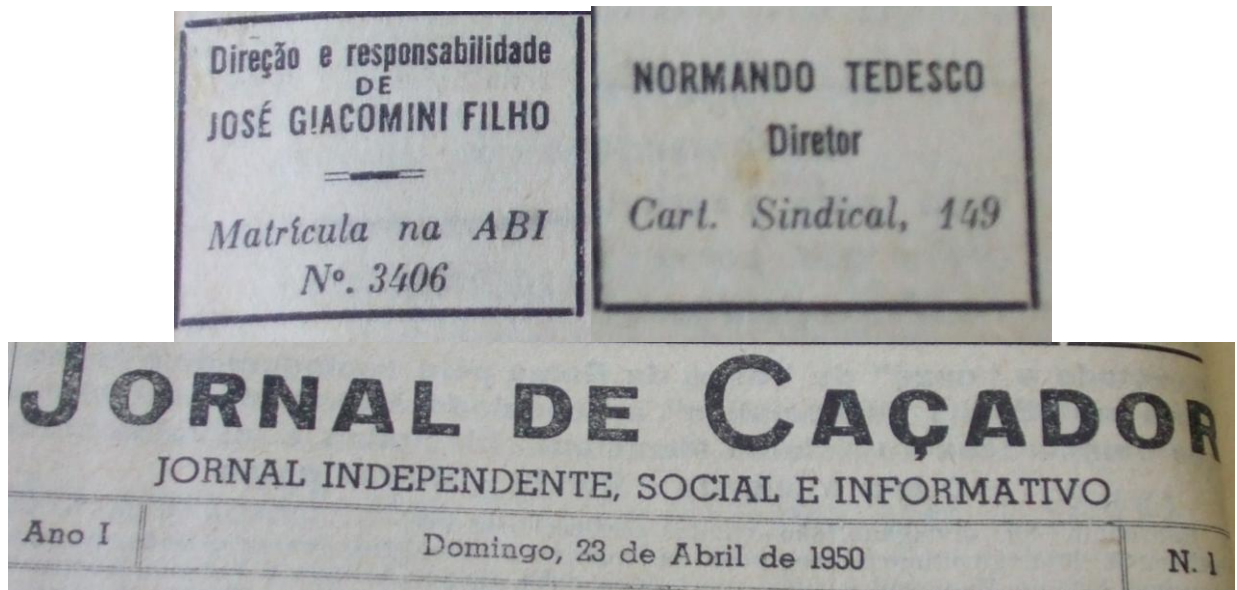


Figura 15 - Jornal de Caçador em sua 1ª edição, em 23 de abril de 1950  
Fonte: APC

Nesta etapa da pesquisa, passou-se então a percorrer cada encadernação, o que possibilitou visualizar a maneira pela qual as edições eram planejadas. No início a diagramação era pensada de forma irregular, cuja separação não era muito definida. Com o passar dos anos, essas premissas foram sendo construídas pela editoração do jornal, tornando perceptível a evolução de ordenamento de suas páginas. Essa observação é relevante, pois a maneira que uma página é diagramada apresenta-se como um dos indicativos para revelar a concepção e a ideologia que estão presentes nas publicações.

O jornal como elemento de informações e notícias faz parte do tempo presente, não interessando mais o que já passou; a cada edição são feitas novas matérias, outros focos são encaminhados para que sejam realizadas edições inéditas. Essa é a característica desse veículo que não se trata de um livro, no qual podem ser narradas longas histórias de tempos e épocas das mais variadas e remotas; trata-se sim, de uma linguagem que se relaciona com o aqui e o agora.

Nesta perspectiva, têm-se os jornais das décadas em foco na pesquisa. Nesse tempo, o jornal apresentava igualmente as características descritas. As páginas percorridas foram como portas que se abriram, realizando novamente a presentificação do passado. Se os registros estão simplesmente guardados ou esquecidos ficam no passado, mas se acontece uma interação, se são abertos, isto os configura como algo que vai além do guardar; este aspecto é o de maior relevância no percurso dentro do Arquivo Público de Caçador, de onde pode ser percorrido todo o período, com uma compilação de informações, analisando-se o tempo, o pensamento, a concepção que existia no município. Todavia, é através do pesquisador que estas fontes irão se transformar em registros de memória, pois não basta que estejam guardados, mas é preciso que sejam desvelados na ótica de documentos históricos que são.

Dito dessa forma tem-se a convicção de que as fontes jornalísticas foram imprescindíveis para a continuidade da presente pesquisa. Da mesma forma, o local que abriga esses volumes, o APC é espaço de memória que necessita ser repensado, reestruturado e, junto com a continuidade do arquivamento do que já existe, há que se pensar também quais são os critérios que permeiam a lógica do arquivo, como e o que se guarda atualmente, com quais perspectivas se pensa a preservação da história do ontem e como é a política de conservação.

Entre as imagens e as notícias presentes nos jornais da época, observou-se a presença de propagandas, de diferentes tipos. Uma delas é a que diz respeito à empresa Foto Boni, conforme figura 16:



Figura 16 - Anúncio no Jornal de Caçador – 14 de agosto de 1949  
Fonte: APC

É interessante observar o pensamento acerca da fotografia, pois essa era muito maior do que um simples registro. Na visão do Sr. Albino De Boni, proprietário do Foto Boni, a fotografia era algo de alto valor artístico e cultural, não se esquecendo de que se tratava também de recurso científico devido às manipulações químicas para que houvesse a “revelação” da fotografia.

Esse anúncio foi motivador para a busca de mais informações sobre o Senhor Albino e estão presentes no item 3.5.3, página 110.

### 3.2 O cinema no cenário local e mundial

As descrições trazidas por meio das reportagens nos jornais de Caçador revelam um cenário mundial, no qual o pós-guerra conduz a padrões que buscam a volta da feminilidade nas roupas, sapatos e acessórios. Os padrões de beleza seguem modelos americanos, em que

Dois estilos de beleza feminina marcaram os anos 50, o das ingênuas chiques, encarnado por Grace Kelly e Audrey Hepburn, que se caracterizavam pela naturalidade e jovialidade e o estilo sensual e fatal, como o das atrizes Rita Hayworth e Ava Gardner, como também o das pin-ups americanas, loiras e com seios fartos. Entretanto, os dois grandes símbolos de beleza da década de 50 foram Marilyn Monroe e Brigitte Bardot, [...], a devastadora combinação de ingenuidade e sensualidade. (GARCIA, web)

Esse é um perfil mundial, que chega às cidades do interior, através do cinema, com o apogeu de Hollywood.

Na história considerada oficial dentro do cinema, os irmãos Lumière inventam, em 1895, o cinematógrafo que tinha objetivos científicos. Affonso Segretto traz a novidade para o Brasil, acompanhado de muita euforia. Porém, em São Paulo, surgem as salas de cinema, como perfil descrito por Dias (1999, p. 1)

Antigos teatros abriam suas portas para o grande público e a partir da criação do primeiro cinema na cidade, o Bijou, em 1907, outros nomes foram compondo a 'sinfonia' da metrópole. Rex, Roxy, Imperial, Plaza, Odeon tornaram-se populares e atraíam verdadeiras multidões.

Dito dessa forma associa-se os conceitos de instalação das salas de cinema por todo o Brasil que se compuseram dos mesmos perfis e da mesma ideia de luxuosidade e conforto. Dentro desta perspectiva, é instalado em Caçador o Cine Luz em 1947, com 980 lugares e posteriormente, em 1960, o Cine Líder, com 1300 lugares. Há que se considerar a população do município no ano de 1950<sup>11</sup>, segundo dados do IBGE, na tabela a seguir:

---

<sup>11</sup> No ano de 1950, o município de Caçador era composto pelas vilas ou distritos de Rio das Antas e Taquara Verde.



<b>POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CAÇADOR EM 1950</b>	
<b>Homens e mulheres da área urbana<sup>12</sup></b>	3.951
<b>Homens e mulheres da área suburbana</b>	4.086
<b>Homens e mulheres da área rural</b>	15.691
<b>Total de homens</b>	12.095
<b>Total de mulheres</b>	11.628
<b>Total</b>	23.723

IBGE. Censo de 1950. Série regional, volume XXVII, tomo 1, p. 105.

De acordo com Sevcenko (1998, p. 598), “as salas de cinema se multiplicaram por toda parte, se tornando mais importantes, suntuosas, edificadas segundo o código modernista e ousado do art déco.”

O número de salas de cinema e cine-teatro existentes em Santa Catarina no ano de 1950, quando da realização do recenseamento feito no Brasil, era de 44, sendo que somente nos períodos entre 1946 e 1948, 19 locais do gênero iniciaram suas atividades.<sup>13</sup>

Nos arquivos encontrados no Jornal de Caçador, que circulava nas décadas de 40 e 50, percebe-se a ênfase dada no que diz respeito ao anúncio dos filmes. Esses anúncios eram chamativos e continham, na maioria das vezes, imagens do próprio filme que seria exibido. Isso leva a confirmação de que a instalação das salas de cinema em Caçador propiciaria espaço de aproximação com outras realidades fixadas pela sétima arte (Fig. 17, 18, 19, 20, 21 e 22).

<sup>12</sup> Como quadros urbano e suburbano entendem-se as áreas correspondentes às Cidades (sedes municipais) ou às Vilas (sedes distritais). O quadro rural abrange toda a área situada fora dos limites das cidades e vilas. Fonte: IBGE, censo de 1950, p. 12.

<sup>13</sup> Dados do IBGE, Recenseamento de 1950, v. XXVII, p. 320.

**CINEMA**  
**16-6-48 - 4ª feira: A British Films apresentará:**  
**"AS AVENTURAS DE Marco Polo"**  
 Uma produção de Samuel Goldwyn com os  
 Astros da tela **GARY COOPER** e **SIGRID CUJIE**  
 Gary Cooper-Sabor humorístico de Mr. Deeds  
 e o sabor aventureiro de heroica jornada!...

**19-6-48: Sábado A Warner Bros apresentará:**  
**ROBERT ALDA—ANDREA KING—PETER LORRE**



em: **"OS DEDOS DA MORTE"**  
 No silêncio do grande salão o piano toca...  
 quem lhe dedilha as teclas amarecidas?  
**"OS DEDOS DA MORTE"!**  
 — Laudo da censura: Impr. até 14 anos —

Figura 17 – Anúncio do jornal A Imprensa – 13 de junho de 1948  
 Fonte: APC

**PELO CINEMA**  
**4a. feira dia 6** — Novamente a Universal-Internacional volta à tela do CINE LUZ com o drama tenso... chocante... brutal!



**Do Lodo Brotou Uma Flor**  
 estrelando Robert Montgomery e a nova sensação da tela **WANDA HENDRIX**  
 Censura: Impr. até 14 anos

**3a. feira dia 5** — Um verdadeiro presente para o Belo Sexo de Caçador:  
**NOITE DE BAILE**  
 com Zoran Leander e Marika Rokk. Não percam este grandioso filme da "UFA" todo falado e cantado em alemão em uma única exibição na tela do Cine Luz

**HOJE** — Domingo dia 3 às 8.15 horas — **HOJE**  
**O CONDENADO**  
 Com **JAMES MASON**

Figura 18 – Anúncio do jornal A Imprensa – 03 de abril de 1949  
 Fonte: APC



Figura 19 – Anúncio do Jornal de Caçador – 15 de agosto de 1948  
Fonte: APC

**SENSACIONAL AVANT-PREMIÈRE**  
**Dia 2 de maio, às 22 horas, no CINE LUZ**  
 NOTA: Na sessão serão sorteadas 5 permanentes válidas por 30 DIAS.  
 A Gloriosa Produção de DAVID O. SELZNICK  
**... E O VENTO LEVOU**  
 (GONE WITH THE WIND)  
*Clark Gable · Vivien Leigh · Leslie Howard · Olivia de Havilland*  
 EM TECHNICOLOR  
 Uma produção SELZNICK-INTERNATIONAL  
 Agora em **METROSCOPE**  
**DOMINGO DIA 3**  
 Duas sessões — às 16 e 20,30 horas.

Figura 20 – Anúncio do Jornal de Caçador – 17 de agosto de 1950  
Fonte: APC



Figura 21 - Anúncios do Jornal de Caçador – 29 de novembro de 1953  
Fonte: APC



Figura 22 – Anúncio do Jornal de Caçador – 27 de agosto de 1959  
Fonte: APC

A partir da apresentação dessas imagens é possível realizar uma viagem no tempo e na história contida por de trás dos filmes e seus anúncios.

O uso de imagens nos anúncios jornalísticos foi característico de certo período e relaciona-se ao início do cinema em Caçador. Tal constatação decorre da observação de que, possivelmente, foram utilizadas imagens correspondentes a fragmentos do próprio filme, pois eram mais chamativas, atraindo assim o interesse do leitor do jornal para que esse se sentisse motivado a assistir o filme.

Sobre os filmes e a produção cinematográfica, toma-se o pensamento de Meneguello (1992, p. 38), dizendo que, de “maneira geral, o espetáculo cinematográfico é associado ao estado alucinatório, de hipnose ou de sonho, o que amplia seus poderes de discussão”. Dessa forma, o conteúdo dos filmes estava ligado a um conceito norte americano, em que mocinhos e bandidos disputavam o coração de uma senhorita. É a linguagem repetida em diversos filmes dessa época.

A relação que a população tinha com o cinema era de encantamento e fidelidade. As sessões eram bastante concorridas, formando-se fila na calçada para a compra do ingresso e entrada no recinto.

Nas entrevistas, a presença do cinema é bastante enaltecida, conforme a senhora Natalina da Silva Ramos<sup>14</sup> relatou, destacando a época quando existia somente o Cine Luz e de quando inaugura no município o Cine Líder. Esse último, já no início da década de 60, muito luxuoso, com poltronas de veludo, com todo o conforto que então se podia desfrutar. Contou, então, desse período em que conviviam as duas salas de espetáculo, ambas com grande movimentação. Com base nesses dados evidenciados pela entrevistada, nota-se que a memória de uma

---

<sup>14</sup> A Sra. Natalina concedeu a entrevista no dia 05 de fevereiro de 2010. Frequentou o Cine Luz e o Cine Líder, quando do auge do cinema no município de Caçador.

parcela da população está voltada para os acontecimentos e lugares que tiveram destaque no cenário social e cultural de Caçador.

A relevância que teve o cinema pode ser comprovado na fala do senhor Otaviano Silveira<sup>15</sup> “[...] *Lembro muito do cinema, que faz muita falta, porque era, além de um lugar para ver os filmes, lugar e momento para encontrar as pessoas...[...]*” É possível dizer que o cinema foi, também, um evento social, pois o fato de ir a esse local movimentava a cidade. A entrevistada citou também, o fato de as sessões serem bastante concorridas, sendo que se formava fila à entrada do cinema para a compra de ingressos. Considerando o número de poltronas existentes no Cine Luz (980 lugares), pode-se afirmar que se constituía em local bastante frequentado. .

Pode-se considerar nessas falas a relevância que teve o cinema nas histórias de vida relatadas, pois foi citado como local de encontro, que era, na verdade, um evento. A possibilidade de ver os ícones da época em uma grande tela de projeção, em um lugar distante de outros modos de expressão dramática, revela aspectos do imaginário da população. Além de ser um evento, era também uma opção de lazer e cultura para a população que viveu o período de existência do cinema. Foi significativo na construção do imaginário da sociedade da época, pois produziu desejos, interesses e sonhos no que diz respeito aos modos de vestir, na maneira de arrumar os cabelos, nos hábitos e costumes, no comportamento dessa geração. Pode-se dizer, ainda, que o advento do cinema estabeleceu conexões do local com o global, pois podiam ser percebidos aspectos que norteavam a cultura de outros países, principalmente dos Estados Unidos.

---

<sup>15</sup> Entrevista realizada no dia 12 de fevereiro de 2010. O Sr. Otaviano pertenceu como associado dos Clubes Apolo e do 7 de Setembro.

Os aspectos que permeiam o espaço do cinema ocorrem de múltiplas formas, conforme Schvarzman (1996, p. 2)

[...] o cinema é tratado não só enquanto obra estética, mas também como um prisma de significações que estão dentro e fora da tela ao mesmo tempo. O cinema produz a si mesmo e ao seu público numa cadeia que vai desde os seus temas, a propaganda ou a indústria das “estrelas” e o seu culto, até a produção dos ideais de beleza, moda e comportamentos veiculados nas revistas femininas ou de cinema, cuja existência está diretamente atrelada.

Para a entrevistada senhora Terezinha Nunes Garcia<sup>16</sup>, que tinha 17 anos na década de 50, o cinema era um grande meio de estar em contato com a produção cinematográfica em ascensão naquele período.

Citou com grande ênfase os filmes que marcaram época, como “E o vento levou”, “Meias de Seda”, com Fred Astaire, entre outros. Descreve com detalhes o espaço do Cine Líder, inaugurado em 1960: “*amplo, com cadeiras estofadas, cortinas de veludo [...] era um luxo só.*”

Segundo a sinopse<sup>17</sup> do filme *Meias de Seda* (fig. 23), a história acontece num cenário no qual o comunismo tenta não deixar que os pensamentos capitalistas contaminem seus seguidores. Então, é enviada pelo governo soviético a Paris, Nina Yoshenka (Cyd Charisse) para que conduzisse de volta ao país de origem, alguns ‘camaradas’ que lá se encontravam. Porém, Nina conhece Steve Canfield (Fred Astaire) e começa aí o desenrolar de um envolvimento que trará para as telas, muita música, sedução e romantismo. O filme foi uma adaptação de produção musical da Broadway no ano de 1955.

---

<sup>16</sup> A entrevista aconteceu no dia 18 de março de 2010, na residência da Sra. Terezinha. Exerce a profissão de Advogada, sendo pessoa respeitada nesse meio.

<sup>17</sup> A sinopse encontra-se em <http://www.adorocinema.com/filmes/meias-de-seda/>.



Figura 23 - Cartaz original do filme *Meias de Seda*  
 Fonte - <http://marsalha.wordpress.com/page/3/>

Segundo Sevcenko (1998, p. 607), a categoria do musical

[...] era centrado no mito do par amoroso. [...] o casal amoroso se torna uma entidade autônoma, que existe num contexto auto-referido, em que tudo o que acontece ao seu redor só assume significado em virtude do desdobramento cômico-dramático de sua relação amorosa.

Relatos como da senhora Terezinha reforçam a percepção do papel desempenhado pelo cinema nesse período, em particular pelos musicais.

O cinema constituiu-se em outro espaço urbano da coletividade. Contudo, dentro da sala de projeções, as luzes se apagavam e cada um ficava em contato consigo mesmo e com o filme e sua história, produzindo, assim, um caráter mais intimista. A visibilidade se dava quando entravam no ambiente e do mesmo modo quando saiam. A afirmativa segue o pensamento de Sevcenko (1998, p.599), quando diz que o fato de “ir ao cinema pelo menos uma vez por semana, vestido com a melhor roupa, tornou-se uma obrigação para garantir a condição de moderno



e manter o reconhecimento social.” Em Caçador não foi diferente, comportamento semelhante ali ocorreu.

### 3.3 Os bailes nos Clubes 7 de Setembro e Apolo

A fundação do Clube 7 de setembro ocorreu no ano de 1926. O local passou a abrigar os grandes eventos sociais, como os Bailes que escolhiam as “Misses”, como “miss Rádio Caçanjurê”<sup>18</sup>, ( fig. 24 e 25 ) “Rainha da Primavera”<sup>19</sup>(fig. 26 e 27), “Desfile Bangu”<sup>20</sup>.



Figura 24 – Miss Caçanjurê – 1952 - Fotografia do Jornal de Caçador – 27 de abril de 1952  
Fonte: APC

<sup>18</sup> A Miss Caçanjurê caracterizava-se por candidatas com perfil de beleza e simpatia, que eram escolhidas anualmente como miss desta Rádio.

<sup>19</sup> A Rainha da Primavera, evento promovido pelo Grêmio das Margaridas, para o qual as senhoritas da sociedade local concorriam ao título. A candidatura se dava por meio de nomeação por algum membro do clube. Esta associação estava voltada a ações de caráter social, na preparação de eventos no Clube 7 de setembro.

<sup>20</sup> Neste desfile foram mostradas confecções com tecidos da Fábrica de Tecidos Bangu em conjunto com as Casa Pernambucanas que vendiam o produto.

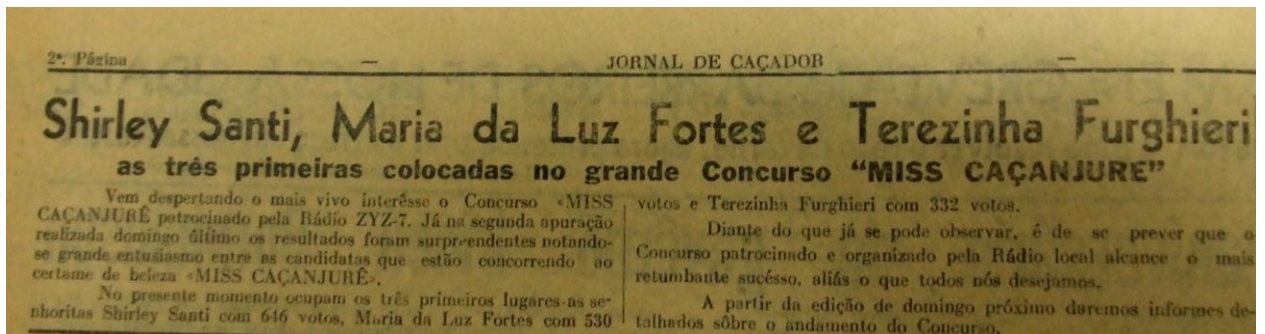


Figura 25 – Edição do dia 03 de fevereiro de 1953 do jornal de Caçador – Concurso "Miss Caçanjurê"  
Fonte: APC

## Eleita a «Rainha da Primavera de 1953»

Dia 17 será coroada a srta. Diva Adami

Na encantadora «soirée» realizada na noite de 3 do corrente, nos salões de festas do Clube 7 de Setembro, o simpático Grêmio das Margaridas elegeu a «Rainha da Primavera de 1953», tendo sido vencedora a graciosa srta. Diva Adami, figurando como princesas as elegantes srts. Yara Therezinha Schemes e Azize Thomé, finos ornamentos do nosso «set» social.

Como nos anos anteriores, o certame já tradicional do Grêmio das Margaridas, alcançou resultados bastante satisfatórios, coroados de êxito os esforços desenvolvidos pelas esforçadas componentes da Diretoria do Grêmio.

A coroação da srta. Diva Adami terá lugar na noite de 17 do corrente, no Clube 7, oportunidade em que o Grêmio das Margaridas fará realizar encantadora noite de gala, reinando desde já, o mais desusado interesse.

A nossa reportagem esteve em palestra com as sras. Iracema Caron e Layne Faoro, duas pessoas que merecem ser citadas diante do carinho com que tratam os assuntos ligados ao Grêmio, e segundo nos afirmaram, o salão do Clube 7 de Setembro será artisticamente ornamentado em côr rosa, dando desta forma um aspecto bastante característico ao Baile da Primavera do corrente ano.

Nesta mesma noite social, a Diretoria do Grêmio das Margaridas fará entrega das finíssimas jóias ofertadas à «Rainha da Primavera» e suas princesas, mimos que se encontram expostos na vitrina da popular Casa Cima.

O baile a rigor de 17 do corrente será abrilhantado pelo nosso bem conhecido Jazz Caçanjurê, o que já é uma garantia para o maior brilhantismo do Baile da Primavera de 1953.

**REDUZA  
AS CONTAS DA  
OFICINA**

Figura 26 – Nota do Jornal de Caçador – 11 de outubro de 1953  
Baile da primavera  
Fonte: APC

Nota-se a importância dada a esse tipo de evento, em que acontecia a escolha das senhoritas da sociedade, enaltecendo os padrões de beleza em voga nas décadas de 40 e 50. Tais padrões estavam associados aos modelos preestabelecidos, principalmente de influência do cinema hollywoodiano, no qual os corpos esbeltos, cabelos em perfeita ordem, pele lisa e branca combinavam com um

ar de glamour e de sofisticação. De acordo com os relatos obtidos no decorrer da pesquisa, tem-se a informação de que tudo chegava com o trem; produtos como revistas, entre outros artigos que vinham no trem internacional<sup>21</sup>.

No ano de 1953, foi eleita a Rainha da Primavera, a Srta. Diva Adami e as respectivas princesas, Srtas. Yara Therezinha Schemes e Azize Thomé, referenciadas como *finos ornamentos do nosso 'set' social*, tratado no texto jornalístico, conforme figura 26.

Em entrevista, a Sra. Diva Adami Telck<sup>22</sup>, revelou alguns importantes detalhes acerca da escolha da Rainha da Primavera do ano de 1953, segundo a entrevistada, a escolha se dava por voto secreto, realizado em um evento específico, para que em outro baile fosse feita a entrega da premiação e seu 'coroamento'. Para o grande dia, conta:

Quem fez o meu vestido foi a Elizena (Thomazi) [...] ela era uma grande costureira [...] e este vestido foi feito meio que às pressas, cortando e moldando-o no próprio corpo. [...] ganhei uma jóia, um 'pedantif'<sup>23</sup> de água marinha [...] quem entrou comigo foi o Isaac Thomé, o marido da Dona Cizelda [...] Ah, o que representou ser escolhida a Rainha?... sem dúvida era uma honra, muita emoção...

Era de praxe presentear as ganhadoras com uma jóia. Conforme a citação do jornal, no ano de 1953, o objeto fora doado pela Casa Cima, estabelecimento comercial cujo ramo de atividades era a venda de jóias, relógios e artigos óticos, conforme figura 27:

---

<sup>21</sup> O Trem internacional recebia essa denominação em função de ser uma composição somente de vagões de passageiros; nesse trem existiam as cabines com leitos, tudo com muito luxo. Um fato curioso é quando da passagem do mesmo por Caçador, a população se dirigia até a estação ferroviária para poder adquirir frutas como maçã, revistas entre outros. Esta informação foi obtida junto ao Sr. Eldemar Mendes, que passou a residir em Caçador em 1959 e vivenciou estes fatos.

<sup>22</sup> Entrevista realizada no dia 21 de maio de 2010, na residência da Sra. Diva.

<sup>23</sup> Esta pronúncia vem da palavra de origem francesa *pendentif*, que significa jóia que se usa no pescoço, suspensa por uma corrente.



Figura 27 - Publicidade da Casa Cima – Jornal de Caçador – 20 de janeiro de 1952  
Fonte: APC

De acordo com informações obtidas através de conversa com a Sra. Ester Busini Potrick<sup>24</sup>, a função do Grêmio das Margaridas era a promoção de eventos sociais, trabalhando junto ao Clube 7 de Setembro, idealizando os bailes e promoções sociais no planejamento e decoração; também atuou em alguns eventos promovidos pelo Clube Apolo. Revelou ainda que a Sra. Anair Almeida era figura importante dentro da entidade, pois pertenceu à diretoria do Grêmio por vários anos. Foi professora de Educação Física e atuava ainda na coordenação dos trabalhos de preparação de eventos do Ginásio Nossa Senhora Aparecida<sup>25</sup>. De acordo com a Sra. Ester, a Sra. Anair

[...] era muito atuante na entidade [...] tinha muitas idéias arrojadas, como a realização de diversas coreografias, pensava os bailes, como seriam [...] tanto que os eventos programados pelo Grêmio acabaram se tornando uma constante, como é o caso do Baile da Neve, Baile da Primavera, Baile da Rosa.

<sup>24</sup> Conversa realizada no dia 18 de maio de 2010. A Sra. Ester foi sócia do Grêmio das Margaridas.

<sup>25</sup> Educandário pertencente às Irmãs de São José destinava naquele tempo suas vagas às moças da cidade e região, sendo que possuía um sistema de internato.

Em 1959, Maria Thereza Kimak<sup>26</sup> escreveu no Jornal de Caçador uma nota fazendo referência aos 30 anos de fundação do Grêmio das Margaridas, conforme figura 28:



Figura 28 – Jornal de Caçador – 22 de novembro de 1959  
Fonte: APC

Nesse texto, percebe-se o saudosismo presente, com a descrição de Caçador como *um conjunto de casas espalhadas por entre pequenos bosques*. A partir dessa frase, buscou-se a comprovação de como era a então Vila de Caçador nesse período (fig.29). Ao observar a imagem, nota-se, na parte superior, a Capela de São Francisco de Assis (em destaque). Logo abaixo, as esparsas casas existentes e na parte inferior, o produto da economia do município daquele tempo: a madeira. Dessa forma, pensar em uma associação com vistas às ações sociais no contexto apresentado é inusitado, pois leva a pensar quais foram as influências para a formação de tal Grêmio; o que fica claro é a relevância que a sociedade da época atribuía ao Grêmio das Margaridas.

<sup>26</sup> Maria Thereza Kimak, no ano de 1959 era membro da Diretoria do Grêmio das Margaridas.

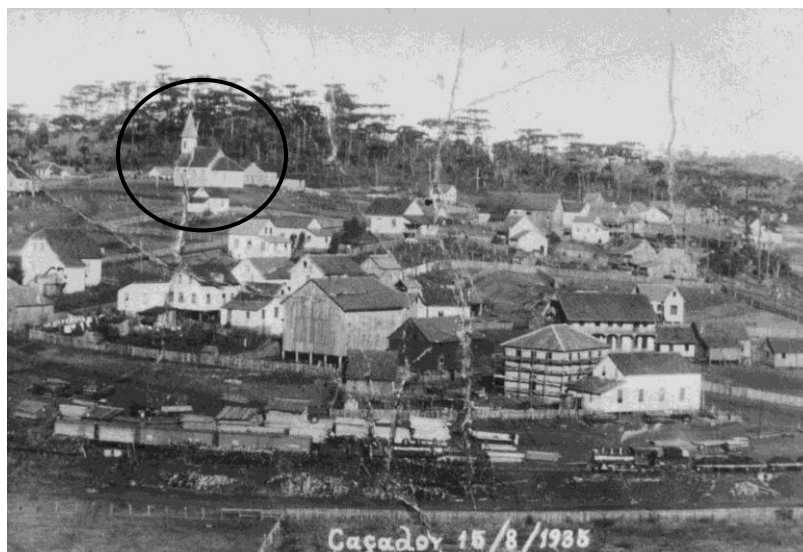


Figura 29 – Caçador em 15 de agosto de 1935  
Fonte: APC

Há que se ressaltar, ainda, que algumas das senhoras que faziam parte do Grêmio passaram a residir no município e trouxeram consigo várias ideias e modismos, principalmente da cidade de Curitiba.

A matéria refere-se também à orquestra musical conhecida como Jazz Caçanjurê (fig. 30); tratava-se de um conjunto composto por pessoas da cidade, que eram contratados para animar os bailes nos clubes. O grupo fazia apresentações ao vivo na Rádio Caçanjurê, entre outros eventos do gênero.



Figura 30 - Jazz Caçanjurê em apresentação no Clube Apolo  
Fonte: Arquivo pessoal de Ivone Liszkievich

Nas entrevistas, os eventos sociais, com destaque para os bailes, foram bastante citados, conforme o que Noêmia Bento Moreira<sup>27</sup> revela, dizendo que ia a praticamente todos os bailes que aconteciam, tanto quando solteira como depois de casada. Eram acontecimentos sociais de grande efervescência, nos quais “[...] *todos iam [...] era mamãe, a vó Maria*<sup>28</sup> *que fazia todos os vestidos [...]*”. Lembrava de detalhes de cada tecido, da textura, da cor, enquanto via as fotos. Relatava como era cada um deles, descrevendo como se estivesse vivendo novamente todas as datas as quais se relacionam com cada baile. “*Pra cada festa era um vestido diferente [...]*” Sua mãe era costureira, confeccionava as roupas para diversas pessoas da sociedade que freqüentavam os bailes de então, portanto, fazia-os também para sua filha mais nova.

Quando casei, fui morar com teu avô no prédio do Gatermannn [...] aquele que era da rádio, sim! E continuava indo nos bailes [...] mamãe vinha da casa dela, ficava com as crianças até madrugada, quando voltávamos [...] e depois ia de volta pra casa dela [...] era ela que fazia questão de ficar cuidando deles, porque dizia que se eu não fosse ele ia do mesmo jeito. [...]. Teu avô era um bom dançarino [...] quando dançava tango então, nem se fala [...], as pessoas ficavam assistindo a gente dançar.

No relato acima é possível perceber o pensamento que permeava a sociedade da época, pois possibilitava ao gênero masculino certas atitudes não concedidas para as mulheres. Também, o quanto essas permaneciam unidas para que os valores da família fossem preservados; mesmo com toda a fragilidade que sempre a mulher foi colocada, a força que estava com elas representava a base da família.

Nessa perspectiva, é possível referendar o significado que as entrevistas tiveram no imaginário de cada um. Trazer ao tempo presente um passado que foi

---

<sup>27</sup> Nascida em 02 de novembro de 1922, mudou-se de Passo Fundo para Caçador, junto com seus familiares no ano de 1924. Casa-se em 25 de maio de 1949, com o Sr. Elvino Moreira. Foi membro do Grêmio das Margaridas e frequentava os bailes que aconteciam. A entrevista foi realizada no dia 25 de fevereiro de 2010.

<sup>28</sup> Mãe da Sra. Noemia, casada com o Sr. Eduardo Bento e filha de Pedro Bortolon, ilustre morador, citado quando da construção da ponte de madeira que ligava Caçador ao Santelmo (p. 22)

repleto de vivências, tornou-se, para essas pessoas algo importante. Dessa maneira, o que os estudos da memória estabelecem com relação ao passado e ao presente ficam evidenciados no significado do momento das entrevistas. Se a memória é a possibilidade de atualizar o passado, ou como se refere Chauí (1999), a presentificação do passado, o momento em que as pessoas relembram os fatos vividos, passa a ter também novo registro e ficará como lembrança daquilo que foi lembrado e conseqüentemente resignificado.

Como um local de grandes eventos, cita-se o Clube 7 de setembro, fundado em 1926, cuja sede situava-se na Rua Santa Catarina, com uma construção em madeira, da qual não há registros em imagens. Essa sede foi acometida por um incêndio e o clube foi instalado na parte superior de uma construção existente, na Av. Barão do Rio Branco, até que a nova sede fosse inaugurada em 1945, na mesma avenida citada. Atualmente, a construção não é utilizada para eventos, pois necessita de adequações seguindo os padrões de segurança. Sua arquitetura segue padrões estéticos que podem ser encontrados em outras edificações do mesmo período. Pertencente ao estilo *Déco*, possui em sua fachada elementos decorativos com vistas à geometrização, que é forte característica nesse estilo. As formas em cimento que margeiam as janelas formam uma moldura nas mesmas; há também a presença de duas pequenas sacadas no andar superior, juntamente com duas marquises, conforme se observa nas figuras 31 e 32:





Figura 31 – Clube 7 de setembro em 1953 – foto do Jornal de Caçador  
Fonte: APC



Figura 32 – Clube 7 de setembro – fachada - 2009  
Fonte: Arquivo da autora, registrado em junho de 2009

Ao analisar a imagem do ano de 1953 (fig. 31) e a de 2009 (fig. 32), percebe-se somente o acréscimo de dois toldos nas entradas; no restante, a construção permanece inalterada com relação àquela data, pois se conserva as mesmas características arquitetônicas. O estilo *Déco* teve significativa importância, pois representava simbolicamente um enriquecimento local, traduzido de forma mais sólida nas construções. Há que se observar também que houve certo modismo no uso desse estilo, tendo em vista que em diversas obras desse período o mesmo é revelado.

As relações de memória também são estabelecidas através do espaço urbano no qual estão presentes edificações como a do Clube 7 de Setembro, pois as lembranças não se dão somente através dos fatos, mas também da relação que esses têm com os lugares de convívio social. Quando os entrevistados citaram os nomes e detalhes dos eventos, associaram-se diretamente onde esses aconteceram e aí se constitui a relação dos indivíduos com o espaço onde estão. É nessa perspectiva que o espaço urbano pode ser entendido, pois as memórias também possuem caráter visual e ao serem contadas, tanto entrevistados como entrevistador, elaboraram uma imagem mental, ligada a essas memórias. Quando as investigações passaram a ser por meio de fotos e matérias jornalísticas, tais imagens puderam ser compreendidas na perspectiva espacial, o que possibilitou fazer associações como: o que existiu e no que se transformou o que foi destruído e o que foi preservado, como as pessoas veem a transformação do espaço urbano, como gostariam que fosse, o que pensam sobre manter determinados ambientes, qual é a importância da manutenção das construções que abrigaram os eventos que no momento das entrevistas foram tão enaltecidos. Essas são questões fundamentais a serem pensadas sobre o espaço urbano que ora é constituído.

Os aspectos dos eventos do Clube 7, presentes no editorial (fig. 33) destacam o forte apelo a uma conduta de valores a serem exemplificados para as crianças. Elas deveriam ter participação nos eventos, para que fossem estimuladas a buscar “aquele espírito social que deve nortear os homens que vivem sobre a face do mundo atual [...]” Nessas palavras, fica muito clara a visão de que conviver nessa sociedade tratava-se de algo imprescindível, sendo muito valorizada aquela pessoa que estivesse sempre presente nos eventos, reproduzindo em seus filhos os valores que compunham este cenário.



Figura 33 – Editorial do Jornal de Caçador – 25 de dezembro de 1952  
Fonte: APC

Ao se referir ao Clube 7, a Sra. Diva Adami Telck revelou que os eventos realizados no Clube e promovidos pelo Grêmio das Margaridas eram muito concorridos, sendo que quando aconteciam os bailes, “*levantávamos lá pelas 5 horas da manhã para poder escolher a melhor mesa do salão [...] depois disso, íamos para o salão da Dona Clara*<sup>29</sup>, *para começar a arrumação dos cabelos*”.

<sup>29</sup> A Sra. Diva contou que a D. Clara era cabeleireira mais requisitada na cidade.

Percebe-se aqui como as pessoas atribuíam valores a esses momentos; estar em posição privilegiada dentro do salão do clube significava que estariam com uma visão melhor do local e, conseqüentemente, seriam vistos por todos aqueles que estivessem presentes. Da mesma maneira, cuidar dos aspectos visuais e da aparência dava principalmente às senhoras e às senhoritas, uma configuração de maior destaque, visto que cada uma buscava sempre se sobressair, estar em evidência, ser a mais comentada após os eventos. Isso tudo revela o pensamento que permeava essa sociedade. Fazer parte desse meio era algo mais do que simplesmente participar. Era experimentar uma posição social, mesmo que essa fosse apenas algo constituído para aquele momento.

Entre os eventos citados pelos entrevistados, está o Desfile Bangu (fig. 34), no qual a Fábrica de tecidos Bangu, do Rio de Janeiro, que tinha representação no município através das Casas Pernambucanas, realizou desfiles promovendo seus produtos. Esse evento, com matéria do Jornal de Caçador, conforme figura 35, destaca as roupas utilizadas e, lógico, com quais tecidos foram confeccionadas.



Figura 34 – Destaque da matéria que antecedeu o Desfile Bangu –  
Jornal de Caçador – 21 de setembro de 1959  
Fonte: APC

DEPENDENTE, SOCIAL e INFORMATIVO  
CAÇADOR, 18 DE OUTUBRO DE 1959. N. 461

## COROADO DE INTEIRO SUCESSO

### o segundo desfile BANGU' em Caçador

Escreveu: UBIRAJARA LIMA.

Na noite de 10 último, sábado, sob o elevado patrocínio da Fábrica de Tecidos Bangú, a nossa melhor sociedade foi brindada, pelo Grêmio das Margaridas, com a festa mais elegante do ano. Maria Thereza — Miss Elegante Bangú 1957 — Marisa, Ivone, Verinha, Heliete, Ana Maria, Leila, Lucy, Vera, Ivalina e Sandra, envoltas nas melhores criações do figurinista José Ronaldo, exclusivo da Bangú, desfilaram na passarela do Clube 7 de Setembro. Um sucesso absoluto a noitada social, na qual tiveram os presentes — uma das mais seletas assistências que já ali compareceram — a satisfação de ouvir a excelente Orquestra Moderna do Maestro Barito. Maria Thereza, em popeline estampado; Marisa, em sablê cor-de-rosa; Ivone, em melba coral; Verinha, em shantung estampado, Heliete, em shantung verde; Ana Maria, em sablê estampado; Leila, em algodão vermelho; Lucy, em organdi permanente; Vera, em tafetá estampado; Ivone, em setim de algodão cinza; Ivalina, em shantung azul; e Sandra, em organdi branco; tais foram as desfilantes e os trajes, confeccionados por Elizena Tomazi, Dircéia Guedes, sra. Zemff, Graciosa Grando e Leoni Kimak.

Foi designada uma comissão julgadora, que decidiu qual a mais elegante

composta dita comissão: Senhoras: Vanira Adami, Matilde Reichmann, Clara Esquivel e Noemi Bento Moreira; senhores: Nassyr E. Pires, Acioly Sant'Ana, Taitalo Coelho de Souza, Adalberto Nicolau Petry e Milton Buba. Após a primeira votação, foram escolhidas as cinco mais elegantes, srtas. Leila João, Mariza Zemff, Sandra Anjos, Vera Paim de Andrade e Heliete Lima; tendo desfilado as cinco finalistas, procedeu a comissão à escolha de Miss Bangú

1.959 do Clube 7 de Setembro, tendo sido escolhidas: Miss Bangú 1.959, Heliete Lima, 1a. e 2a. princesas, srtas. Vera Paim e Sandra Anjos, respectivamente. Miss Bangú 1959 recebeu a faixa das mãos de Maria Thereza Kimak, sua antecessora. As três finalistas, o Grêmio das Margaridas ofereceu lindos presentes, lembranças da memorável noitada.

Foi ainda levado ao conhecimento dos presentes o conteúdo do telegrama

recebido pelo Grêmio das Margaridas do sr. Ribeiro Martins, chefe de publicidade da Fábrica Bangú, almejando sucesso no transcorrer do acontecimento social.

No próximo número daremos maiores detalhes do baile do dia 10, o que não fazemos neste pela absoluta falta de espaço. Parabéns ao Grêmio e ao 7 de Setembro por mais esta realização, prova inofismável do nosso progresso social.

## Campanha de Erradicação da Variola

A Circunscrição de Santa Catarina do Departamento Nacional de Endemias Rurais do Ministério da Saúde, com a cooperação da Secretaria de Saúde do Estado, está realizando o serviço de vacinação contra a varíola.

Considerando que casos esporádicos de varíola vêm grassando em vários Estados do Brasil, convida a população em geral a se vacinar contra a doença. Para isso, o Departamento Nacional de Endemias Rurais conta com uma equipe que, além da vacinação anti-amarílica procederá a vacinação anti-variolica.

A partir do dia 20 do corrente a equipe em apêço atenderá a população do Município de Rio das Antas, na sua sede e interior, seguindo à Videira onde procederá da mesma forma.

Objetivando facilitar por tôdas as formas ao seu alcance o pleno êxito de sua tarefa, a equipe de vacinação do Departamento Nacional de Endemias Rurais — Circunscrição de Santa Catarina, esclarece:

1. — A transmissão da varíola é feita pelo contacto com os doentes.
2. — Não é necessário que êsse contacto seja íntimo; a transmissão pelo ar pode verificar-se à curta distância e em ambiente fechado.
3. — Também se propaga através de pessoas ou objetos recentemente contaminados pelas secreções das vias respiratórias, assim como pelas lesões da pele e das mucosas do paciente; as crostas das lesões continuam infectantes por tempo variável.
4. — Não há contra indicação para a vacina e não tem resguardo.
5. — A vacinação é inteiramente gratuita.

Êste é o momento oportuno para que todos se beneficiem com a vacina, colaborando assim na campanha de erradicação da varíola no Brasil, encetada pelo grande sanitarista brasileiro, Ministro Mário Pinotti.

Edição de hoje

**5**

PÁGINAS

Cr\$ 5,00

Figura 35 – Matéria do Jornal de Caçador em 18 de outubro de 1959  
Fonte: APC

Nota-se, na matéria apresentada na figura 35, que a importância do evento era indiscutível, dado o grau de detalhes: “Um sucesso absoluto a noitada social, na qual tiveram os presentes [...] a satisfação de ouvir a excelente Orquestra Moderna do Maestro Barito.[...] Maria Thereza, em popeline estampado[...]” e por aí segue o editorial, fazendo referência aos modelos e tecidos utilizados no evento.

O senhor Clemente Ubirajara Lima, autor do editorial, era pessoa ligada à Diretoria do Clube 7 de Setembro, não possuindo vínculos empregatícios com o jornal. Atualmente, reside em Florianópolis. Há que se ressaltar, também, que o Sr. Clemente era filho do vereador Sr. Antonio Therezino de Lima, que esteve prefeito no período de 15 de maio de 1947 a 29 de dezembro de 1947. Portanto, tinha uma respeitabilidade, pela posição social que ocupava. Para a sociedade de Caçador das décadas estudadas, pertencer a uma determinada família era fato que por si só consagrava o indivíduo. O que leva a pensar na possibilidade de existir uma elite social.

A senhora Elizena Tomazi, uma das costureiras profissionais da época, destacava-se pelo fato de ter freguesia formada e assídua. Outras embora tivessem se empenhado especialmente para esse evento, não eram costureiras profissionais; é o caso de Dircéia Guedes, sra. Zempf, Graciosa Grando e Leoni Kimak. Nota-se, também, que a relação dessas com algumas das senhoritas que desfilaram era de parentesco, tendo costurado como voluntárias, em prol do engrandecimento do evento. O figurinista José Ronaldo era exclusivo da Fábrica de Tecidos Bangu, do Rio de Janeiro: não se sabe se o próprio esteve presente no município de Caçador ou se somente enviou os desenhos dos modelos, o fato é que seus desenhos foram colocados em prática pelas senhoras citadas no editorial.

Outro destaque a ser manifestado é a Orquestra do Maestro Barito, que fora contratada para o evento diretamente de Porto Alegre, já conhecida pela população, pois esteve presente anteriormente em outros bailes.

Quanto à comissão julgadora, essa era composta pela diretoria do Clube 7 e também pelas senhoras do Grêmio das Margaridas.

Outra entrevistada, a senhora Elza Maria dos Reis<sup>30</sup> contou que os bailes aconteciam nos dois clubes existentes: o Clube 7 de Setembro e o Clube Apolo, fundado em 17 de outubro de 1937. Os bailes eram animados por conjuntos musicais locais ou de outras cidades. Esses eventos ficaram, sem dúvida, no imaginário e na memória da população. Eram momentos muito aguardados, preparados com o mais alto requinte que os munícipes podiam imaginar. (fig. 36 e 37)

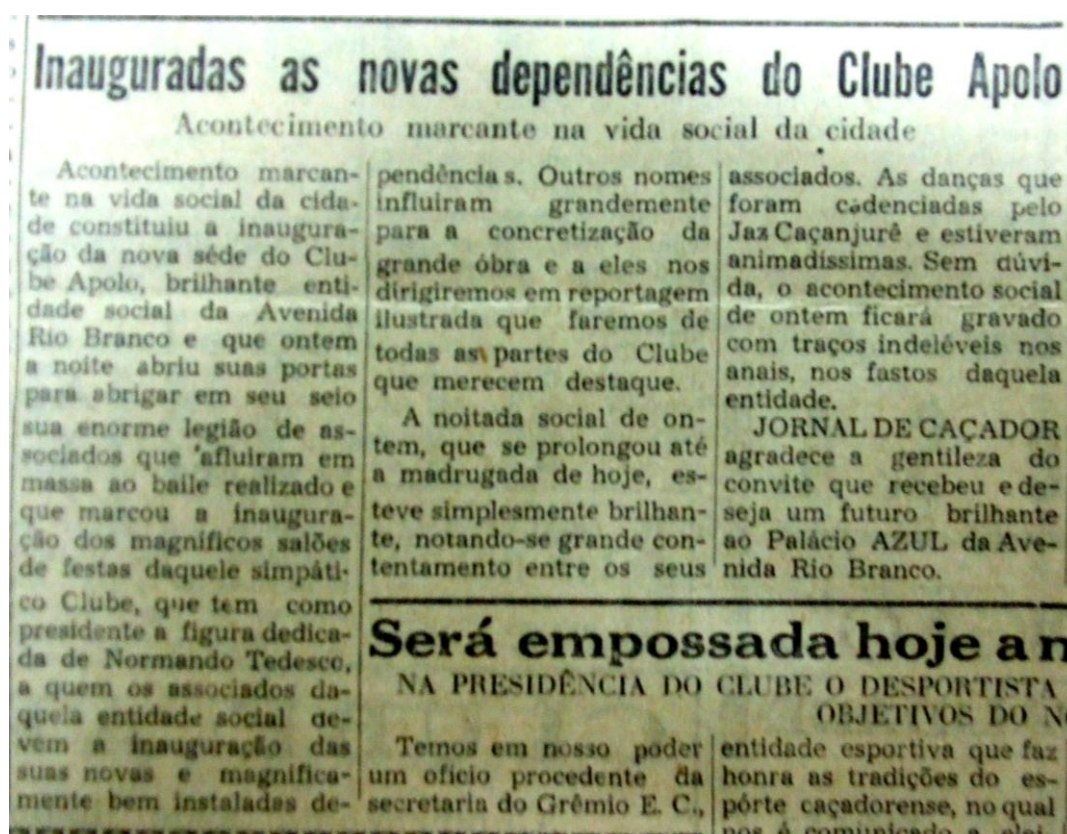


Figura 36 - Nota no Jornal de Caçador – 11 de outubro de 1953  
Fonte: APC

<sup>30</sup> A entrevista ocorreu no dia 07 de dezembro de 2009, tendo sido realizadas anotações acerca das lembranças da Sra. Elza. Consta que a Sra. Elza participou de vários bailes acontecidos naqueles anos.

## O "Baile da Valsa" alcançou sucesso absoluto

Entrega de prêmios -- O "show" realizado -- Eleita a senhorita mais simpática da cidade -- O resultado do grande concurso de valsa

Inegavelmente a Diretoria do Clube Apolo, que tem como presidente o sr. Virgílio Altino de França, vem dando aos seus distintos associados a realização das mais encantadoras festas sociais, repercutindo de maneira elogiosa, a programação de atividades desenvolvidas pelos incansáveis dirigentes daquela entidade, que, diga-se com sinceridade, estão elevando de forma clara o já tradicional conceito social de nossa terra.

Prova-se mais um vez a nossa assertiva, com o sucesso sem precedentes que alcançou o «BAILE DA VALSA», realizado na noite de 26 do mês p. p., oportunidade em que o Clube Apolo inaugurou inúmeras inovações, que tão bem foram recebidas pela sua enorme legião de associados. Nesta parte destacaram-se as maravilhosas cortinas, que foram confeccionadas de maneira impecável, obedecendo as linhas mais modernas.

As 24 horas foi realizado um bem escolhido «show», que agradou plenamente, no qual tomaram parte destacados elementos artísticos da nossa sociedade, tais como Sidy Kurtz, Luiz Antônio Pivato, Yara Therezinha Schemes e Antônio Guedes (Nino), que apresentaram as mais lindas canções, sendo muito aplaudidos.

O concurso de valsa patrocinado pelo Clube Apolo, foi outro grande acontecimento social daquela noite. Vinte e oito pares tomaram parte no concurso para casais e após serem escolhidos pela Comissão especialmente designada (composta de 7 pessoas), os três melhores pares, foi dado o primeiro lugar ao casal Edmar Verget, que recebeu finíssimo cartão em prata (gravado), prêmio ofertado pelo sr Henrique Cruz, REI MOMO.

Os jovens Edivino Moscheta e Neide Darif (dentre os três primeiros classificados pela Comissão), conseguiram o primeiro lugar no concurso para solteiros e receberam (cada um) uma artística medalha, oferta gentil do JORNAL DE CAÇADOR. Trinta e cinco pares tomaram parte neste concurso de valsa.

Na mesma noite foi feita a entrega de prêmios à Rainha da Neve (uma finíssima pulseira) e as respectivas princesas (dois lindos colares), que foram eleitas no memorável «BAILE DA NEVE».

O certame «A MAIS SIMPÁTICA DA CIDADE», teve patrocínio exclusivo do Clube Apolo, que distribuiu um voto (gratis) para cada associado, e como vencedora, com inteira justiça, surgiu a srta. Aíde Benetti da alta sociedade caçadoreense. O REI MOMO colocou sobre a cabeça da srta. Aíde Benetti, a coroa que lhe coube por merecimento.

A Orquestra Guanabara, de Piratuba, comandada pelo maestro Estanislau, esteve a altura da grande noite social, apresentando um fino e bem escolhido repertório.

De parabens, portanto, está o Clube Apolo. Enviamos as nossas felicitações à sua Diretoria.

## A portaria que ...

(Conclusão da primeira página)

toros para fósforos, madeira em geral para indústrias do Paraná e Santa Catarina, palanques, postes de madeira, casas desmontadas, arcos, aduelas, madeira para construção, camas desmontadas, tente.

3.ª. Ordem, Tabuados, vigas, pinho serrado, achas de pinho, descascados de pinho, peças de pinho, ripas para engradados, pranchas falquejadas, madeira para soalho,

Figura 37 - Nota Jornal de Caçador - 04 de outubro de 1953

Fonte: APC

O Clube Apolo (fig. 38) era constituído por seus sócios, que pagavam mensalidades, como em outras associações do gênero e sua característica era a promoção de bailes e *matinés*, principalmente. Desde sua fundação, foi local de eventos, juntamente com o Clube 7 de Setembro, de igual frequência e importância, até a construção da nova sede do Clube 7, no ano de 1949, e a partir de então foi desativado gradativamente para realização de bailes e *matinés*. Seus associados, em alguns casos, eram os mesmos do Clube 7, configurando como local de intensa movimentação social. Conhecido pela população como o "Palácio Azul", o Clube



Apolo possuía uma programação social bastante divulgada, como o Baile da Rosa, Baile Imperial, Baile da Neve, entre outros. Sem dúvida, eram sociedades que conviviam em tom de igualdade até certo ponto, visto que cada clube buscava sempre superar o outro no sentido de proporcionar aos associados e frequentadores dos eventos, momentos de animação e descontração.



Figura 38 - Avenida Barão do Rio Branco – década de 50 – detalhe: Clube Apolo  
Fonte: APC

Fica evidenciada nesta imagem, a questão da arquitetura, em estilo *déco*, o canteiro central, com seus postes lembrando uma paisagem urbana de cidades em transformação bem como os inúmeros veículos existentes na cidade naquela época. Estes fatores são tomados como característica desse período e como registro de uma situação econômica e social vivenciada pela população.



Figura 39 - Nota Jornal de Caçador – 09 de agosto de 1953  
Fonte: APC

Conforme a nota do jornal que traz o convite para o Baile da Neve (fig. 39), o traje solicitado às senhoras e senhoritas era o vestido branco fazendo apologia ao título do baile. Em arquivo da família Moreira, foram encontradas fotografias que registram essa exigência, como evidencia a figura 40:



Figura 40 - Vestido usado no Baile da Neve de 1951 por Noemia Bento Moreira  
Fonte: Arquivo de Iara Maria Moreira Mendes

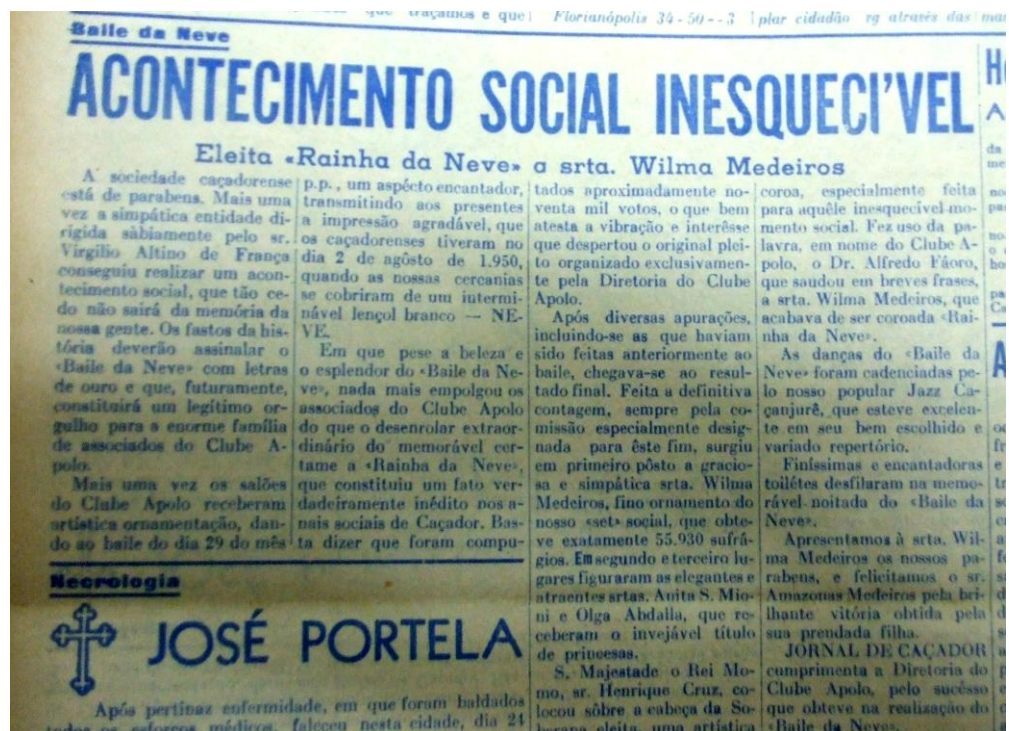


Figura 41 – Nota Jornal de Caçador – 06 de setembro de 1953  
Fonte: APC

Nessas figuras, tanto a nota que traz o convite, a fotografia mostrando um traje usado no baile, bem como o texto produzido após o acontecimento (fig. 41),

percebe-se a importância dada para tais eventos, sendo descritos com toda a pompa acontecida; é o que se percebe ao ler:

Em que pese a beleza e o esplendor do baile da Neve, nada mais empolgou os associados do Clube Apolo do que o desenrolar extraordinário do memorável certame a 'Rainha da Neve' que constituiu um fato verdadeiramente inédito nos anais sociais de Caçador.

Ainda sobre o Clube Apolo, a existência dos bailes de carnaval, onde se lê, em nota de jornal, que o ponto alto situava-se na escolha da Rainha do Carnaval daquele Clube. A sua importância pode ser constatada no texto da matéria jornalística: *Entusiástica batalha foi travada entre os simpatizantes do Rei Momo com as naturais armas do carnaval: lança perfume, confetis e serpentina.* (Fig. 42)

Tomadas como brincadeiras, com ou sem lança perfume, eram carregadas de inocência e diversão, os bailes de carnaval da época figuravam como mais um acontecimento social de grande importância.



Figura 42 - Nota do Jornal de Caçador – 03 de fevereiro de 1952  
Fonte: APC

Em outra nota do Jornal de Caçador, há a citação da ocorrência dos Bailes de Carnaval também no Clube 7 de Setembro, o qual ressalta a efervescência desse acontecimento, conforme se lê na figura 43, destacando que *após 7 dias de grande expectativa os foliões de nossa cidade tiveram ontem à noite o início dos bailes burlescos [...]*



Figura 43 - Nota do Jornal de Caçador – 24 de fevereiro de 1952  
Fonte: APC

Conforme pode ser observado nos jornais e entrevistas, o carnaval constituía-se como uma das festas de relevância desse contexto, haja vista que a preparação acontecia com todo empenho e antecedência para que tivesse pleno êxito.

Nesse cenário de comemorações específicas, outra referência foi o Baile dos Estudantes, no ano de 1952. Nessa notícia identificou-se que fora eleita naquele ano, uma das entrevistadas, Sra. Terezinha Nunes Garcia<sup>31</sup> (fig. 44) Conforme a nota, *Teresinha reúne em si todas aquelas qualidades que uma Rainha estudantil*

<sup>31</sup> Referência a esta entrevistada encontra-se na página 70.

deve possuir. Tal referência se dá, pois a Sra. Terezinha era pessoa extremamente dedicada aos seus estudos, o que a destacava no meio estudantil.

ANO III | DOMINGO, 3 DE AGOSTO DE 1952 | N. 119

## O BAILE DOS ESTUDANTES ALCANÇOU BRILHO EXCEPCIONAL

### ELEITA RAINHA ESTUDANTIL A SRTA. TERESINHA GARCIA

A exemplo do ano passado, a memorável noite de 28 de julho, quando foi eleita a graciosa senhorita Gladys Panizzi — Rainha dos Estudantes de 1951 — a classe estudantil de nossa terra fez realizar nos salões de festa do Clube 7 de Setembro, sábado p.p., uma encantadora festa de confraternização, já que os estudantes caçadorenses se encontravam em gozo de férias. O magnífico acontecimen-



duas semanas de trabalhos ingentes.

Este ano, concorreram ao honroso título de Rainha dos Estudantes, as senhoritas, Terezinha Garcia, Ilse Mertens e Yvelise Campello de Araujo, que, com as suas presenças asseguraram um brilho excepcional ao disputado pleito. Venceu Terezinha Garcia, tendo recebido 4.961 sufrágios. Escolha justa e merecida, porque Terezinha reúne em si todas aquelas qualidades que uma Rainha Estudantil deve possuir. Ilse e Yvelise conseguiram boa votação e de maneira alguma ficaram inferiorizadas em méritos e simpatia.

Parabéns estudantes de Caçador. Foi uma festa que nada deixou a desejar.

Gratos pelo amável convite que nos enviaram e nossas sinceras congratulações à Rainha eleita, bem como às de mais concorrentes ao título.

**Vva. Catarina Barichello**  
Terça-feira última, completou seu septuagésimo ano de vida a distinta vva. dña. Catarina Barichello, mãe estremada de conceituada família caçadorenses.

Dña. Catarina ao completar 70 anos de idade, recebeu de seus filhos as mais carinhosas demonstrações de carinho, tendo sido homenageada por todos.

A distinta universariante que é possuidora de dotes morais invejáveis, JORNAL DE CAÇADOR apresenta os seus mais efusivos cum-

O clichê fixa o momento em que, no ano p.p., a srta. Gladys Panizzi era coroada, após haver conseguido brilhante vitória.

A Campanha de Educação de Adultos é uma jornada honrosa e digna de ajuda de todos os brasileiros que se acham sem as luzes dos esclarecimentos da sabedoria.

Está pois de parabens a Comissão Organizadora do Baile do Estudante. O êxi-

to social serviu mais uma vez para entrelaçar a classe estudantil de Caçador, para no dia de amanhã, na vida prática, unidos trabalharem para o engrandecimento do Brasil.

Figura 44 - Jornal de Caçador – Baile dos Estudantes – 3 de agosto de 1952  
Fonte: APC

Acerca dos eventos sociais destacados anteriormente, pode-se afirmar que eram grandes acontecimentos, sendo aguardados e preparados com toda expectativa e *glamour*, para uma época na qual estavam arraigados os preceitos do romantismo, da moda que surgia nos grandes centros e na presença da sociedade local em tais eventos. Esses eram tidos como importantíssimos para o pensamento social, pois caracterizava um status o fato de se fazer presente na vida social do município.

Nas histórias e memórias trazidas pelos entrevistados, constata-se o quanto a questão da história oral é elemento fundamental em situações de pesquisa que tem como foco retirar do passado e da individualidade aquilo que pertenceu a uma determinada época. A função que fica clara é a de articulação das memórias com o espaço onde essas aconteceram, como foram relatadas na época e quais as contribuições que possuem para o tempo presente. O resultado disso tudo é o cenário que passa a ser constituído com base no passado, pois não é possível negar os acontecimentos; esses se encontram na vivência de cada um, nas fontes documentais e nos próprios lugares, constituídos de matéria e que podem contar uma nova história vivida por esta determinada população, que nas décadas de 40 e 50 foram protagonistas desse momento. O que é dito aqui não é simplesmente um saudosismo despreocupado, mas possui caráter cultural e social, haja vista que faz referências ao entendimento de cultura que se tinha no passado e como pode ser mapeada hoje.

Outro aspecto a ser relacionado trata-se do público que frequentava os clubes; esse público tinha como característica a posição social ocupada, que tinha como base a relação econômica, seus bens e patrimônios. Havia também nesse cenário, aqueles que almejavam tal posição, não possuindo posses, mas estavam ligados ao conceito de poder pelo fato de se fazerem presentes aos eventos da elite econômica.

O pensamento burguês instalado na sociedade da época fica evidenciado nas matérias jornalísticas, na maneira como se escrevia sobre os acontecimentos sociais e na necessidade que permeava esta parcela da população, que era a de se fazer presente. Isso fica claro quando os entrevistados citaram do quanto os eventos eram concorridos.

### 3.4 O surgimento do rádio no Brasil e em Caçador

Em 1948, acontece a inauguração da Rádio Caçanjurê, que foi a décima terceira a iniciar as atividades no ramo, dentro do estado de Santa Catarina.

No Brasil, o surgimento das Rádios acontece concomitante com as comemorações do centenário da independência, no ano de 1922. Nessa data, de acordo com Nobre (s.d., web), foi instalado no Morro do Corcovado, um transmissor de 500 watts, quando os cerca de oitenta aparelhos de rádio puderam propagar a voz do então Presidente da República, Epitácio Pessoa e, diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a ópera “O Guarani”, de Carlos Gomes. Contudo, por falta de projetos para que essa ação pudesse ter continuidade, foi somente uma experiência.

Cerca de um ano mais tarde, no dia 20 de abril de 1923,

eis que se instala, definitivamente, o rádio no País. Esta data marcou a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira rádio brasileira (pelo menos oficialmente). Criada por Roquette Pinto [...] e Henry Morize, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro tinha como proposta educar através do rádio. (NOBRE, s.d., web)

Consta das pesquisas de Nobre que quando surge o rádio, essa característica difere daquela existente na atualidade: era voltado a uma população da elite, em função do alto custo dos aparelhos receptores que eram importados.

Mais tarde, começaram a ser desenvolvidas ações para que o rádio se tornasse cada vez mais popular, podendo atingir outras camadas da sociedade, com programações voltadas a outros gostos e valores sociais. Surgem então, na década de 40, as radionovelas.

Não demorou para que essas transmissões se tornassem um sucesso entre os radio ouvintes, principalmente o público feminino. Juntamente com a radionovela



em si, estava a publicidade que acontecia em meio à programação, sendo de produtos de higiene e beleza, conseqüentemente influenciava diretamente o público em questão. Fato que comprova essa afirmação é o que Chaves (2007, p.31) aponta em sua pesquisa, quando diz que no ano de 1941, no dia 05 de junho,

[...] foi ao ar a novela cubana *Em Busca da Felicidade*, de Leandro Blanco, adaptada por Gilberto Martins, no horário de 10h30min, radiofonizada às segundas, quartas e sextas-feiras pela Rádio Nacional. Sucesso instantâneo na programação, ela foi transmitida em 284 capítulos até maio de 1943, sob patrocínio de Colgate-Palmolive, através da agência Standard Propaganda, que tornou a publicidade nacional da década de 30 em multinacional. Nos moldes da estrutura de divulgação de programação norte-americana, que invadiu as rádios latino-americanas, a publicidade vai sustentar os “anos de ouro” do rádio no Brasil.

Portanto, percebe-se claramente que as rádios teriam garantidas as suas permanências, associadas a uma programação voltada para um público abrangente, porém específico, ao mesmo tempo em que necessitaria manter um formato publicitário, para garantir o sucesso que seriam os anos de ouro do rádio.

Embora tivessem se passado mais de 20 anos desde a instalação oficial da primeira emissora de rádio no Brasil, é nesse cenário que foi criada a Rádio Caçanjurê, no município de Caçador, distante geograficamente de toda essa estrutura que existia na década de 40 nos grandes centros, em especial em São Paulo e Rio de Janeiro, a então capital do Brasil.

De acordo com os registros do APC, o primeiro local de funcionamento da emissora foi em uma casa de madeira localizada na esquina das Avenidas Barão do Rio Branco e Santa Catarina, com o prefixo ZYZ-7<sup>32</sup>. Pouco tempo após sua inauguração, a emissora foi destruída em um incêndio na casa onde funcionava. Em

---

<sup>32</sup> O direito de outorga da rádio Caçanjurê, passou por vários donos desde sua fundação, mas em 1969 os senhores Raul Tomazoni e Elias Colpini, adquiriram definitivamente a emissora. Em 1989, foi adquirida pela Rede Barriga Verde de Comunicações. E, por volta de 1991, a emissora foi transferida para prédio próprio, na Rua Altamiro Guimarães nº480, centro em Caçador.

1950, iniciou suas atividades no edifício Gattermann, no Largo Caçanjurê e passou a pertencer a Adelar Gattermann ( fig. 45)



Figura 45 - Edifício Gattermann – Sede da Rádio Caçanjurê – anos 50  
Fonte: APC

Os fundadores foram Lucas Volpi e Osni Schwartz, isso em 1947. A data de fundação, no entanto, foi registrada como 29 de junho de 1948, então com quatro sócios: Lucas Volpi, Osni Schwartz, José Rossi Adami e Manoel Müller. Somente em 1950 recebe seu prefixo e a autorização para *funcionar legalmente, levando aos lares do nosso município o pensamento livre de nossa gente*, dizia o editorial do Jornal de Caçador, em 16 de julho de 1950. (fig. 46)

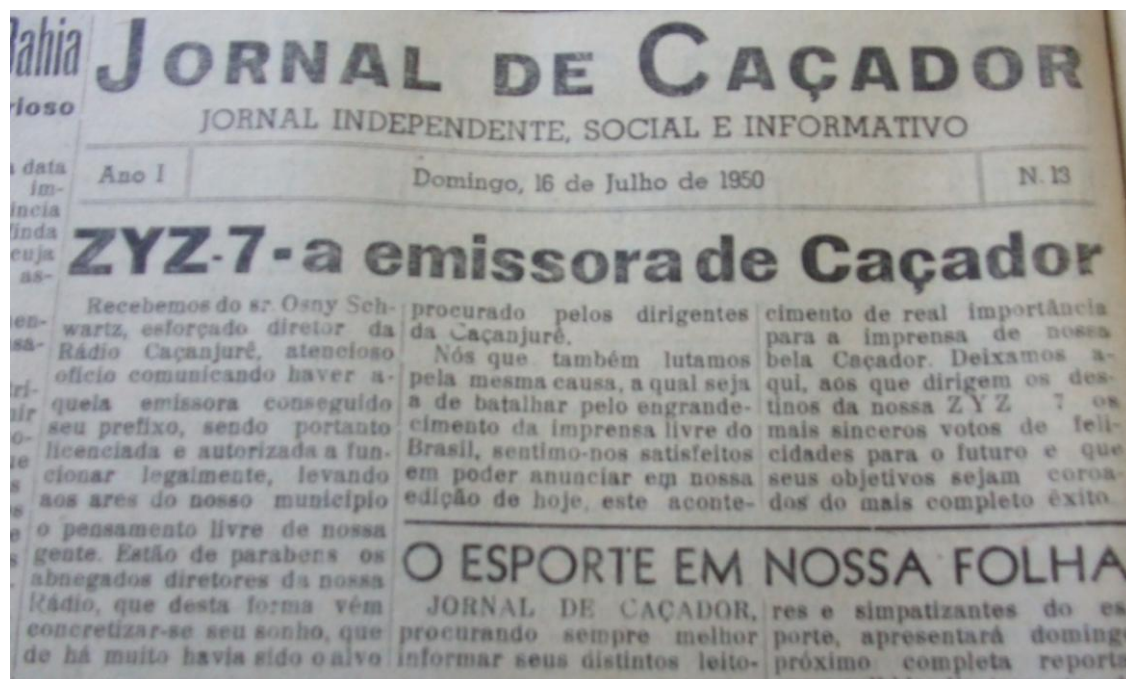


Figura 46 – Nota do jornal de Caçador sobre a Rádio Caçanjurê – 16 de julho de 1950  
Fonte: APC

O lado social, com transmissões de bailes, aniversários, entre outras manifestações, com locução de Primo Zini. Dentre as irradiações estavam os já citados eventos “Rainha do Comércio” e “Miss Caçanjurê” (Fig.47). Havia também um programa humorístico chamado “Do Zero ao Zero”, uma paródia do programa “O Céu é o Limite”, levado ao ar pela Rádio Tupy de São Paulo. Existiam ainda os programas de auditório. Dentre as apresentações de auditório da Rádio Caçanjurê encontra-se referência jornalística sobre apresentação do cantor mexicano Roberto Tangel, no dia 08/09/1949, evento de grande sucesso por ter *conseguido agradar inteiramente aos ouvintes*. (Fig. 48).

25 de Dezembro de 1952

JORNAL DE CAÇADOR Edição Especial do Natal

# Z Y Z-7 RÁDIO CAÇANJURÊ

O MAIOR AUDITÓRIO DO OESTE CATARINENSE

Av. B. do Rio Branco, 50 — Cx. Post., 33  
Fone, 174 — Edifício Gattermann - 3.º andar  
Telegramas «CAÇANJURÊ»  
CAÇADOR — Santa Catarina



A Direção do Rádio Caçanjurê, os Funcionários da Z Y Z-7, "Miss Caçanjurê de 1952", Rei Momo 1.º e Único e os Artistas da Z Y Z-7 apresentam à coletividade caçadorenses os seus ardentes votos de um ALEGRE NATAL e de um próspero e venturoso ANO de 1953.

Caçador, dezembro de 1952.



«Miss Caçanjurê de 1952»

Figura 47 – Nota no Jornal de Caçador – 25 de dezembro de 1952  
Fonte: APC

## Grande Cantor e Guitarrista Mexicano

Acha-se em Caçador o apreciado cantor e guitarrista Mexicano Roberto Tangel, que vem alcançando grande sucesso em suas atuações em estações de Rádio e Teatros em toda a América do Sul. Este consagrado artista fez sua estreia sexta-feira na Rádio Caçanjurê, tendo os seus números conseguido agradar inteiramente aos ouvintes.

Roberto Tangel deu o prazer de sua visita a esta Redação em companhia do conhecido locutor Pereira Filho, o adiamentou-nos que trabalhará quarta-feira, dia 8 de Setembro no Cine Luz.



Figura 48 - Nota do Jornal de Caçador sobre cantor que se apresentou no auditório da Rádio Caçanjurê – 05 de setembro de 1948  
Fonte: APC

Nos registros das entrevistas, destacam-se algumas falas, como a da senhora Elza Maria dos Reis<sup>33</sup>, 80 anos, que contou com todo o entusiasmo, passagens que para ela, foram marcantes:

Nasci em 1930 [...] ah, me lembro bem quando a Rádio começou a funcionar [...] as horas que ela funcionava era bem poucas, acho que das 3, 4 horas da tarde até lá pelas oito [...] do que mais lembro era um programa que se chamava 'sua música querida', acho que era assim; nesse programa tocavam as canções que eram de sucesso naquela época [...] ah, era um tempo muito bom!

Na fala da senhora Elza, percebe-se o quanto a presença da rádio era marcante na vida dos moradores do município. Há, na história das rádios em cidades do interior, certas semelhanças, como programas que tinham como objetivo o contato dos ouvintes com os grandes sucessos de uma época vivida com um ar de glamour e romantismo tão peculiares. O rádio era a ligação das pessoas com um universo distante; porém, ocorriam também transmissões diretas dos locais em que aconteciam os eventos, no próprio município, como é o caso de notícias encontradas em jornais da época, nas quais era transcrita a notícia tal como fora transmitida pela rádio.

Conforme citado anteriormente, os programas de auditório foram bastante usuais naquela época em todo o país, eram destaques em Caçador também. Havia um que se chamava "A Hora da Saudade"<sup>34</sup>, no qual trabalhara, entre 1953 e 1956, o maestro Ladislao Liskievich (fig. 49).

---

<sup>33</sup> A entrevista com a Sra. Elza ocorreu no dia 12 de dezembro de 2009, em sua residência.

<sup>34</sup> No programa de rádio A Hora da Saudade eram executadas peças musicais que estavam presentes no imaginário da sociedade. Nesse programa, o Maestro Ladislao e sua orquestra executavam ao vivo as peças musicais, em auditório sempre bastante frequentado.



Figura 49 - Programa “A Hora da Saudade” – Rádio Caçanjurê  
Maestro Ladislao Liszkievich e orquestra  
Fonte: Arquivo de Ivone Liszkievich

Foi possível perceber que o rádio apresentou-se como um veículo importante para o desenvolvimento do gosto musical o que levou ao surgimento de escolas de música e um público cativo nos programas de auditório.

As memórias trazidas nas entrevistas e nos documentos de arquivo contribuíram para que o pensamento que permeava aquele período pudesse ser compreendido. Nesse pensamento estavam as ideias da época, conhecida como ‘era de ouro do rádio’, que representou a existência de grandes nomes da música que despontavam e se consagravam no cenário nacional. Caçador, mesmo distante geograficamente dos centros de origem desses nomes, não ficava para trás, levando aos ouvintes uma programação que aproximava esses espaços tão distintos.

Pode-se dizer que a existência e permanência da rádio na cidade, proporcionaram vivência artística cultural, pois se produzia cultura e essa se

encontrava em interação com os indivíduos através da difusão por vários locais da cidade nos quais a presença do rádio ia se popularizando.

### 3.5 A produção artística: música, teatro e literatura

Ao que se refere a produção artística, alguns registros significativos foram encontrados, como da Escola Municipal de Música, de representações teatrais e da literatura na visão do Sr. Albino De Boni.

#### 3.5.1 A Escola Municipal de Música

Os registros encontrados em jornais, embora em pequeno número, possibilitaram perceber que a música teve importante papel como expressão de um perfil e gosto, o que é ratificado a partir do relevante arquivo da senhorita Ivone sobre a trajetória da Escola de Música Municipal, assim como pela presença do maestro Ladislao, personalidade de grande relevância nesse cenário, no município de Caçador.

De acordo com sua filha Srta. Ivone Liszkievich, Laszlo Liszkievich<sup>35</sup> nasceu a quatro de abril de 1898, na Hungria. Seu padraço, de origem nobre e o movimento socialista em ascensão na Europa, foram os fatores que levaram sua família a fugir daquele país, evitando assim que Laszlo fosse obrigado ao serviço militar. Inicia assim, a trajetória deste que, no Brasil, passou a se chamar Ladislao. Após longa viagem de navio, percorreu alguns lugares de Santa Catarina, vindo a se

---

<sup>35</sup> Informações obtidas em conversa com a Srta. Ivone no dia 28 de março de 2010.

estabelecer no interior do município de Piratuba. Nessa localidade, formou o conjunto musical chamado *XPTO*.

Em 1934, casou-se com Ilona Vargas, que também era de nacionalidade húngara, com quem teve quatro filhos. Muda-se então com sua família para Caçador, para que seus filhos pudessem continuar os estudos, isso no ano de 1953.

Como homem culto que era, falando seis idiomas e possuindo formação musical, permanece no município de Caçador trabalhando na rádio Caçanjurê, conforme citado anteriormente. A partir de então, funda a Escola Municipal de Música, tendo recebido apoio do Prefeito Municipal, Sr. Pedro Castelli e também de seu sucessor, Dr. Carlos Alberto da Costa Neves. Em 02 de agosto de 1956, recebe da Diretoria de Ensino da Secretaria de Educação e Cultura a autorização para abrir curso de Música no município de Caçador, através do Ofício de número 43.

O Maestro Ladislao tinha diversos alunos, os quais realizavam apresentações no Clube 7 de Setembro, no Cine Luz e em outros locais. (fig. 50 e 51)



Figura 50 - Alunos do Maestro Ladislao quando de apresentação no Clube 7 de Setembro – 1960  
Fonte – Arquivo Ivone Liszkievich





Figura 51 - Maestro Ladislao (à esquerda) e seus alunos  
Fonte - Arquivo Ivone Liszkievich

Como se observa nos registros jornalísticos apresentados, este meio de informações e comunicação foi o grande veículo para que os fatos acontecidos ficassem registrados. Igualmente repete-se em mais uma notícia (fig. 52), a qual mostra a parabenização ao maestro e seus alunos, citando que houve *um maravilhoso e bem organizado concerto apresentado com perfeição pelo maestro Ladislao e pelos Discípulos da Escola de Música Municipal*.



Figura 52 – Editorial do Jornal de Caçador sobre a apresentação da Escola de Música Municipal – 13 de dezembro de 1959  
Fonte: APC

Em breves e poucas matérias jornalísticas há referência ao maestro Ladislao e à Escola de Música Municipal, porém foi a partir do relevante arquivo da Srta. Ivone que foi possível identificar a sua importância na formação musical dos alunos da Escola de Música. Durante o período que permaneceu em Caçador, deixou relevante legado, pois contribuiu para a transformação da música e da cultura de modo geral. Sua trajetória merece estudo mais aprofundado. Essa investigação torna-se possível, pois seus pertences e sua história, com fotos e documentos foram devidamente arquivados por sua filha, Srta. Ivone, que gentilmente cedeu o material para pesquisa.

Na perspectiva da música, percebe-se que existia uma preocupação com o universo da arte e suas linguagens, pois os ensinamentos estavam voltados para uma conceituação dos elementos que compõem a estrutura musical, bem como de conhecimentos que permitiram entendimento acerca de seus códigos.

### 3.5.2 A representação teatral

No cenário cultural investigado há alguns episódios que não foram citados pelos entrevistados, porém encontram-se registros no Jornal de Caçador presentes no acervo do Arquivo Histórico Municipal. Esses eventos referem-se à produção teatral existente no município. (fig. 53)

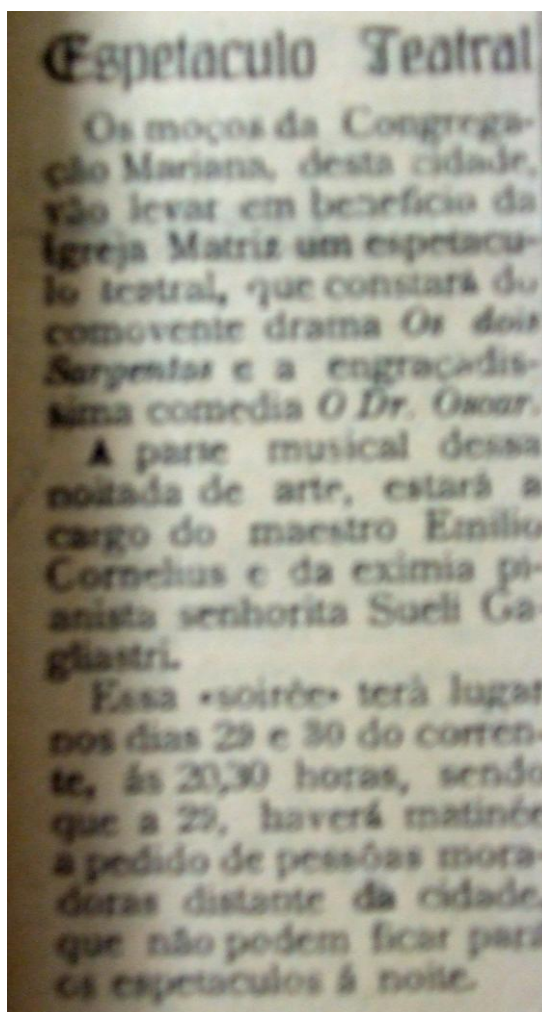


Figura 53 - Nota do Jornal de Caçador sobre teatro – 1948  
Fonte: APC

Na figura 53, a matéria faz referência a duas peças teatrais: *Os dois sargentos*, e a comédia *Dr. Oscar*. Essas apresentações tiveram acompanhamento musical do maestro Emílio Cornelius e a pianista Sueli Gagliastri. Observa-se a articulação entre o teatro e a música, que eram tratados como mais uma forma da movimentação artística e cultural da cidade de Caçador.

Encontram-se, nos arquivos da Paróquia São Francisco de Assis, evidências visuais (figs. 54 e 55) de que havia representações teatrais, entretanto não foram encontradas informações consistentes acerca dessas.



Figura 54 - Elenco da peça teatral apresentada no Salão Paroquial da Catedral São Francisco de Assis – 28/04/1944  
Fonte: Arquivo da Catedral



Figura 55 – Peça teatral 'O espiritismo na berlinda'  
Elenco: Alcides Silva, Reny Borges, Ivo R. Ros  
Fonte: Arquivo da Catedral

A partir dos registros das peças teatrais, pode-se considerar a relação que as mesmas tiveram com a Igreja Católica, haja vista que se davam no espaço do Salão Paroquial e envolviam membros da mesma. Da mesma forma, a leitura possível para

estes eventos é a de que era uma maneira de reforçar a participação das pessoas da comunidade em eventos católicos.



Figura 56 - Nota do Jornal de Caçador – 25 de dezembro de 1959  
Fonte: APC

Já nessa matéria da figura 56, além da descrição do acontecido, citam-se os nomes daqueles que participaram do “espetáculo lírico-coreográfico, indício do singular enraizamento da arte em geral e da música em particular, na sensibilidade

do povo”. Pode-se perceber o significado que possuíam tais iniciativas, pois se fazia referência ao fato de que o público espectador, teve a oportunidade de apreciar tal espetáculo, atribuindo-lhe a nomenclatura de “cultura platéia”.

### 3.5.3 A literatura

A partir de informações obtidas na pesquisa dos jornais, teve-se a descoberta de alguns fatos que motivaram a busca por dados mais consistentes acerca da literatura.

O texto da propaganda citado na página 62, despertou a atenção, motivando o interesse em conhecer um pouco mais sobre as idéias e os pensamentos do senhor Albino De Boni. Buscou-se então o Sr. Elydio Zolet<sup>36</sup>.

O Sr. Elydio, que chegou em Caçador no ano de 1959, passando a morar na casa do Sr. Albino e também trabalhar no Foto Boni, contou que o Sr. Albino, que também era seu tio, possuía conhecimentos literários e uma visão que, pode-se afirmar, estava acima da maioria das pessoas da sua época. Diz-se isto em função de contar que o mesmo escrevera um livro, mas no momento de sua publicação, fora barrado pela censura; o Sr. Elydio não soube informar o título e seu conteúdo, porém mostrou uma pequena publicação em que se pôde observar qual era a dimensão de seu conhecimento. (fig. 57 e 58)

---

<sup>36</sup> Conversa realizada no dia 08 de abril de 2010, no Foto Boni, rua Carlos Sperança,

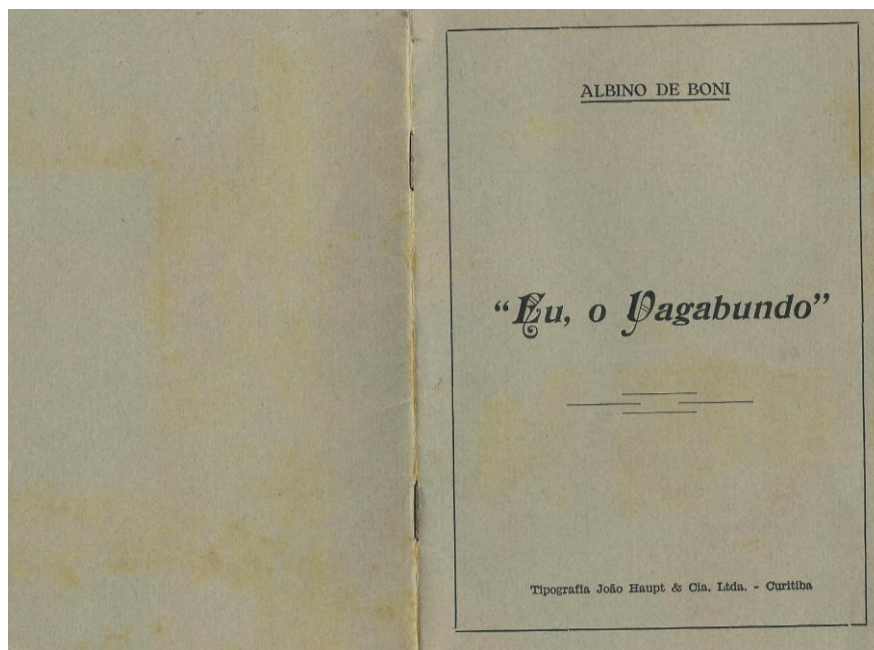
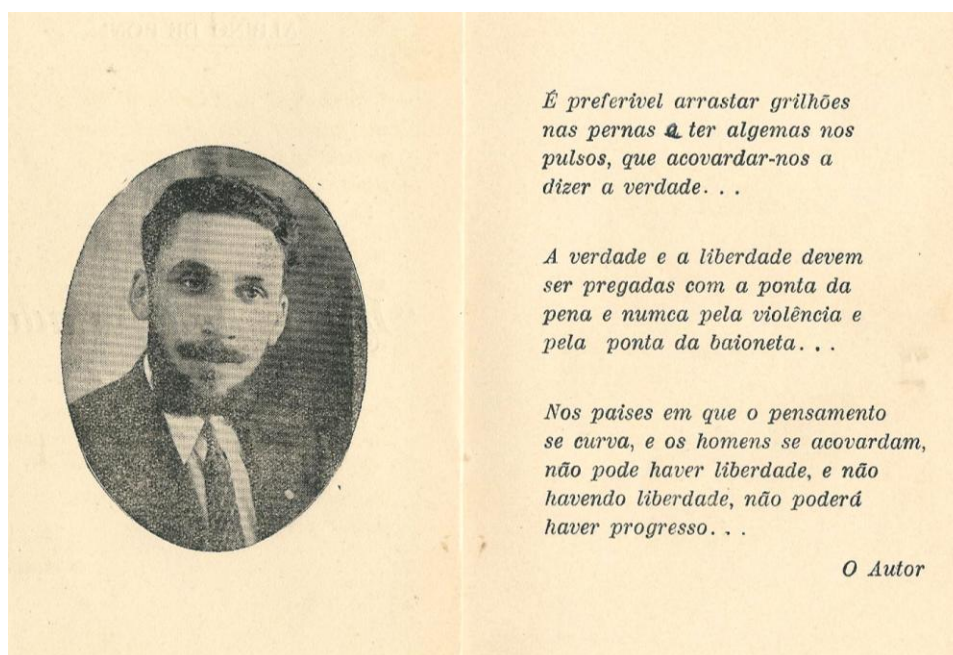


Figura 57 – Capa da publicação de autoria do Sr. Albino De Boni  
Fonte: Arquivo pessoal de Elydio Zolet



.Figura 58 – 1ª página da publicação de autoria do Sr. Albino De Boni  
Fonte: Arquivo pessoal de Elydio Zolet

Na referida publicação, cujo título é “Eu, o vagabundo”, o Sr. Albino relata o seu julgamento por ocasião da censura pelo livro que publicaria. Em um trecho, escreve acerca de sua própria defesa:

Senhores! Aqui estais representando à justiça pública e ides julgar-me do crime de haver escrito um livro. Mas eu vos pergunto, si realmente sois aptos para julgar-me? Por acaso lestes o livro e o compreendestes? Tendes conhecimentos suficientes para me julgar? Lestes e estudastes um Confúcio? Tendes o dom e a paciência de ler, pensar, coordenar, sentir dentro do vosso ser a infinda luz da filosofia? O sublime enlevo da poesia? Quais são os vossos temas sociais e o que pensais do futuro? Lestes e compreendestes um Nietzsche, um Spinoza, um Platão e um Sócrates? Os tratados de filosofia e sociologia dos escritores do vosso país? Sabeis quais são os males que vos afligem e o porquê destes males? Quais os meios de minorá-los? Eu vos faço essas perguntas, porque o meu livro visa inúmeras facetas, e neste caso si é crime, exijo a resposta. – O porquê e qual o meu crime? [...]

Não vos esqueceis que um poeta só poderá ser julgado por outros poetas e um escritor, só poderá ser julgado por outros escritores...

O Sr. Albino De Boni fora condenado à prisão e a pagar as despesas e custas judiciais do processo de censura da referida publicação.

Sem dúvida, essa personalidade possuía um perfil diferenciado, tendo constituído no município de Caçador um laboratório fotográfico que mais tarde foi assumido e administrado por sua ex-esposa, Sra. Judith Hoffmann Deboni, ou J. H. Deboni<sup>37</sup>, como se vê na figura 59:



Figura 59 – Anúncio do Jornal de Caçador – 19 de abril de 1953  
Fonte: APC

<sup>37</sup> A grafia do sobrenome citado é visualizado de duas formas; porém, de acordo com informações da família, a forma que é encontrada nos registros de nascimento é a de grafia separada: De Boni.



No ano de 1956, o Sr. Silvio De Boni, sobrinho do Sr. Albino e funcionário no laboratório, adquire o negócio e passa a ser o proprietário. Atualmente o laboratório é gerenciado por seu filho, André De Boni. O Sr. Elydio é gerente da filial aberta ainda em 1960 na Rua Carlos Sperança, completando, em 2010, cinquenta anos de funcionamento.

A busca do contato com o Sr. Elydio foi motivado pela propaganda apresentada na página 62, que conduziu toda a investigação e interesse por essa história a qual apontava para desdobramentos significativos. O conteúdo da referida propaganda levava a crer que não se tratava somente de um anúncio, mas ali estava presente o pensamento de um indivíduo preocupado e interessado com a arte e a cultura. Dessa forma, a pesquisa em fontes documentais não daria conta de explicitar tal fato e assim, a necessidade em associar-se à história oral e suas possibilidades eram notórias. Situa-se o fato da associação e da complementaridade que as fontes escritas ou documentais possuem sobre as orais e da mesma forma o contrário é verdadeiro.

Os jornais existentes no Arquivo do município possuem diversas possibilidades e focos de pesquisa, contudo, tornam-se mais relevantes à medida que se torna possível obter maiores detalhes acerca do que lá está publicado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que fora exposto, tem-se um panorama dos acontecimentos no que diz respeito aos bailes, ao cinema, à rádio, ao teatro, ao jornal. Dessa forma, foi realizado um estudo sobre a vida artístico-cultural das décadas de 40 e 50, no município de Caçador. Esses fatores tiveram sua contribuição na formação cultural do município, bem como na vida de cada indivíduo que experienciou desses momentos.

Dos indicadores relacionados à vida artístico-cultural, pode-se dizer, com relação aos bailes, que esses tiveram caráter de divertimento, porém é possível fazer uma conexão entre esse fato junto com as músicas executadas e a influência das roupas usadas em tais eventos. Essas relações ficaram evidenciadas nos registros fotográficos bem como nas matérias jornalísticas, nos quais se pode perceber que os padrões de comportamento revelaram uma ligação aos modelos trazidos de outras regiões. Estabeleceu-se, no município, uma necessidade de visibilidade, pois era considerado pertencente ao meio social e cultural quem dele estivesse se apropriado, na forma de estar presente nos locais considerados de “cultura”.

O que está associado ao rádio é o fato de a comunidade poder ver a ela mesma através da programação voltada aos acontecimentos locais, eventos sociais, bem como a aproximação com outros lugares, outros hábitos, vindos de programas feitos por emissoras das grandes cidades. O rádio teve no município, seu papel desempenhado como veículo formador de opinião, à proporção que se dava a programação da emissora, contribuindo para a aquisição de hábitos e valores. Tais elementos ficaram evidentes na programação que era apresentada e no formato que

possuía o rádio, referindo-se aos programas de auditório e aos concursos promovidos pela rádio Caçanjurê.

Sem dúvida, através do cinema foi permitido sonhar, idealizar, emocionar, pois com a propagação das salas de cinema pelo país, passou-se a viver uma era de profundas influências nos modos de ser, de sentir e de agir. O conteúdo dos filmes, a sua relação com modelos que surgiam em outros países ou até mesmo ideologias que se formavam através das histórias encenadas revelaram-se nos registros e nas entrevistas.

A década de 40 foi marcada nacionalmente pelo início de um processo de industrialização interna, o que contribuiu para vivência de valores calcados na busca do progresso. A entrada no país de produtos da indústria internacional e visualizados através do cinema, foi outro fator decisivo nas mudanças de comportamento dessa geração. Também é importante destacar que o país declara, nesse período, guerra à Itália, à Alemanha e ao Japão.

Na década de 50, os cenários nacional e internacional constituíram-se em momentos de transição dos fatos acontecidos na década anterior, consolidando-se a ideia de que era preciso empreender com grandes pensamentos para que as marcas negativas deixadas pela guerra pudessem ser esquecidas. No cenário político, o grande marco foi a construção de Brasília, que figura como grande influência ao progresso. Esse fato deu ao país a ideia de que era possível prosperar e ser grande, do ponto de vista do desenvolvimento.

Caçador, tão distante geograficamente disso tudo, também passou a comentar e a sentir as influências deste cenário de âmbito nacional e internacional. Não diferente, o modo de pensar a sociedade e o que nela se fazia permeou esse

universo, o que ficou evidenciado no modo de vida da população apresentado nesta pesquisa.

Considera-se que essas décadas representaram para o município o início de um desenvolvimento social e cultural, haja vista que a consolidação do espaço urbano passa a ser estruturado com novas perspectivas, a partir do que se observou com relação às construções que surgiram no período. Ao lado do exposto, destaca-se, também, a efervescência que passou a existir nos modos de vida e convivência social, ligados ao cinema, rádio, jornal, bailes e, conseqüentemente, ao pensamento cultural no município.

As memórias evidenciadas na pesquisa revelaram sua importância para a compreensão da formação cultural do município, bem como da necessidade em implementar-se políticas públicas com vista à permanência dessa história.

As conexões entre passado e presente por meio de reflexão sobre registros fotográficos e textos jornalísticos realizados através das entrevistas, bem como do registro encontrado no Arquivo Público de Caçador, revelaram que o pensamento acerca da cultura seguiu padrões externos. Nas políticas culturais, há a necessidade em retomar as formas de estruturação do pensamento cultural para que possam ser compreendidos os processos de formação do município.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. A existência na história: revelações e riscos da hermenêutica. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 17, 1996.

\_\_\_\_\_. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

AMADOR, Milton Cleber Pereira. Guerra do Contestado: marca o fim e o início de modelos de desenvolvimento na região Oeste Catarinense. In: **Cadernos do CEOM**, n 31. Chapecó: Argos, 2010.

ARAÚJO SÁ, Antônio Fernando de. História e memória na era das comemorações. In: **Cadernos do CEOM**, n 17. Chapecó: Argos, 2003.

ART DÉCO. Disponível em;  
<[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=352](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=352)>. Acesso em: 27 abr. 2010.

BACHELARD, Gastón. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BEBER, Guerino. **Jornal Imprensa Catarinense**. 25 de maio de 1985. Arquivo Histórico de Caçador.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: Benjamin, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto (org.) **O olhar**. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8580.pdf>>. v. 15, n. 2. São Paulo: Perspectiva, 2001. Acesso em 09 fev. 2010.

BRANT, Leonardo. **Faces da cultura**: desenvolvimento social e investimento cultural privado. Disponível em: <<http://www.fundata.org.br/Artigos%20-%20Cefeis/15%20-%20FACES%20DA%20CULTURA.pdf>> . Acesso em: 15 fev. 2010.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV - XVII. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CAÇADOR. LEI Nº 2633, de 20 de agosto de 2009. Disponível em: <[http://www.cacador.sc.gov.br/portalthome/index.php?option=com\\_wrapper&view=wrapper&Itemid=72](http://www.cacador.sc.gov.br/portalthome/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=72)> Acesso em: 08 maio 2010.

CANCLINI, Nestor García. **Definiciones en transición**. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

CASSAB, Latif A. História oral: miúdas considerações para a pesquisa em serviço social. **Serviço Social em Revista**. v. 5 n. 2., 2003. Disponível em: <[http://www.ssrevista.uel.br/c\\_v5n2\\_latif.htm](http://www.ssrevista.uel.br/c_v5n2_latif.htm)>. Acesso em: 10 fev. 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1999.

CHAVES, Glenda Rose Gonçalves. **A radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999)**. Dissertação de Mestrado da UFMG. Belo Horizonte, 2007.

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

\_\_\_\_\_ **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CORREIA, Telma de Barros. *Art déco e indústria – Brasil, décadas de 1930 e 1940*. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material** v. 16 n. 2. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142008000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142008000200003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 08 fev. 2010.

Dados do município de Caçador. Disponível em: Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 26 jul 2010.

DIAS, Simone. **A trajetória das salas de cinema**. Publicada originalmente na revista SESC de outubro 99. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/cinema/historiatextos/salascine.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

EAGLETON, Terry. Versões de cultura. In: **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luisa Carvalho da. **A cidade e suas crises, o patrimônio pelos viés da memória: por que e como preservar o passado?** Disponível em <<http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/view/364/302>>. Acesso em: 05 nov. 2008.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luisa Carvalho da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

GARCIA, Claudia. **Anos 50: a época da feminilidade**. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/anos50.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

GEERTZ, Clifford. A arte como sistema cultural. *In: O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE CAÇADOR. Disponível em: <<http://www.cacador.sc.gov.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2008.

IBGE. **VI Recenseamento Geral do Brasil** - Estado de Santa Catarina. Série Regional. Volume XXVII, tomo 1, Rio de Janeiro, 1955.

\_\_\_\_\_. Tomo 2, Rio de Janeiro, 1956.

IBGE. Dados da criação do município de Caçador. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 26 jul 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. **Cidades complexas no século XXI: ciência, técnica e arte**. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a06v15n3.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2010.

LOPES, Fátima Faleiros. Patrimônio cultural na cidade moderna e educação. *In: Cadernos do CEOM*, n. 24. Chapecó: Argos, 2006.

MATTA, Roberto da. Você tem cultura? *Jornal da Embratel*, Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: <<http://www.furb.br/2005/arquivos/788660650601/voce%20tem%20cultura.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2009.

MAZIVIERO, Maria Carolina. **Memória e espaço: vinculações acerca da formação da identidade urbana**. Disponível em: <<http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/MariaCarolinaMaziviero-completo2.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2008.

MEIHY, José C. S. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2000.

MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de estrelas**: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50.1992. Dissertação. UNICAMP, Campinas, SP.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e patrimônio arqueológico. *In*: **Revista do Patrimônio Histórico e artístico Nacional**, 20: 33 – 36, 1984.

MESSENTIER, Leonardo Marques de. **Patrimônio urbano, construção da memória social e da cidadania**. Disponível em:

<[http://artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc\\_1151515071\\_97.pdf](http://artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc_1151515071_97.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2008.

O que é história oral. Disponível em:

<[http://www.cpdoc.fgv.br/Historal/html/ho\\_oqueehistoria.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/Historal/html/ho_oqueehistoria.htm)>. Acesso em: 20 fev. 2009.

NOBRE, Daniel Praciano. **O rádio no Brasil**: da fundação ao final do Estado Novo. Disponível em: <[http://www.danpnobre.jor.br/?page\\_id=46](http://www.danpnobre.jor.br/?page_id=46)>. Acesso em 25 abr. 2010.

OLIVEIRA, Rafael Pereira & SILVA, Rosimeri Carvalho da. **Um estudo das políticas culturais praticadas em Santa Catarina (1987-2002)** Disponível em:

<[http://www.cult.ufba.br/enecult2007/RafaelPereiraOliveira\\_RosimeriCarvalhoSilva.p](http://www.cult.ufba.br/enecult2007/RafaelPereiraOliveira_RosimeriCarvalhoSilva.pdf)  
df>. Acesso em: 09 mai. 2010.

PACCOLA, Carina. **Jornalistas e opinião no surgimento da imprensa no Brasil e durante a ditadura militar**. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. 2004. Disponível em:

<[http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/files/others/carina\\_paccola.doc](http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/files/others/carina_paccola.doc)>  
Acesso em: 12 mai. 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, História, memória e centralidade urbana. *In*: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates, 2007. Disponível em:

<<http://nuevomundo.revues.org/index3212.html>>. Acesso em 07 set. 2008.

RICOEUR, Paul & FRANÇOIS, Alain. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

RIOS, Kênia de Souza. História oral: que história é essa?. *In*: **Cadernos do CEOM**. V. 12. Chapecó: Argos, 2000.

SÁ, Celso Pereira de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *In*: **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 20 n.2. Porto Alegre 2007 Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722007000200015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000200015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 jun. 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.



SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SCHVARZMAN, Sheila. Resenha: Poeria de estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50 de Cristina Meneguello. **Revista da pós-graduação em história** – UNICAMP. n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/historiasocial/article/viewFile/217/185>>. Acesso em: 17 abr. 2010.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da vida privada no Brasil**. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

THEML, Neyde, BUSTAMANTE, Regina. História comparada: olhares plurais. **Revista de História Comparada** v. 1, n. 1, jun./2007. Disponível em: <[http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/artigos/volume001\\_artigo003.pdf](http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/artigos/volume001_artigo003.pdf)> Acesso em: 14 out. 2009.

THOMÉ, Nilson. **O ciclo da madeira**. Caçador: Imprensa Universal, 1995.

\_\_\_\_\_. **Breve história da Guerra do Contestado**. Caçador: Universidade do Contestado – UnC, 2005.

\_\_\_\_\_. **A formação do homem do Contestado e a educação escolar** – República Velha. 2006. Tese. UNICAMP, Campinas, SP.

VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste**: memórias de sertanejos e a guerra do contestado. Caçador: Universidade do Contestado – UnC, 1998.

WOLOSZYN, Noeli. **Em busca da terra**: colonização e exploração de madeiras no Oeste Catarinense. Disponível em: <[http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/historia/BUSCA\\_TERRA\\_COLONIZACAO\\_EXPLORACAO\\_MADEIRAS\\_OESTE\\_CATARINENSE.pdf](http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/historia/BUSCA_TERRA_COLONIZACAO_EXPLORACAO_MADEIRAS_OESTE_CATARINENSE.pdf)>. Acesso: 15 fev. 2010.

## JORNAIS

A IMPRENSA – Publicações de 1948 à 1950.

JORNAL DE CAÇADOR. Publicações de 1950 à 1959.

## **APÊNDICES**

## A1. Questionário

- Comente sobre as décadas de 40 e 50, no que diz respeito à vida artístico-cultural da cidade;

- E hoje, como você vê a cidade nesta perspectiva?

- O que havia antes e que hoje já não mais existe?

## A.2 Termo de consentimento livre e esclarecido

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Senhor(a) está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “Caçador: um estudo sobre os aspectos artísticos, culturais e sociais, nas décadas de 40 e 50”.

O objetivo deste estudo é realizar uma análise sobre a vida cultural de Caçador nas décadas de 40 e 50 tendo como especificidades, levantar indicadores relacionados com a vida cultural nas décadas de 40 e 50, no município de Caçador; realizar conexões entre passado e presente, por meio de reflexão sobre registros fotográficos; estabelecer relações e realizar análise comparativa entre os dados levantados sob a luz de uma base teórica consistente; compreender os processos de representação social e cultural, por meio dos dados levantados.

A coleta de dados se dará nas residências dos entrevistados.

Sua participação é voluntária e terá a liberdade de se recusar a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza. Também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo. Os sujeitos da pesquisa terão livre acesso aos resultados do estudo e garantido esclarecimento antes e durante a pesquisa, sobre sua metodologia ou objetivos.

Terá garantia de acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nadja de Carvalho Lamas, que pode ser encontrada no endereço Universidade da Região de Joinville – Univille, Campus Universitário s/n, Bairro Bom Retiro, em Joinville - SC o telefone é 47.3461.9103.

É importante saber que não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, podendo ser divulgados os nomes dos participantes das entrevistas.

Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) Campus Universitário – Bairro Retiro, Caixa Postal 246 - CEP 89201-974 – Joinville – SC.

Eu, ....., concordo em participar voluntariamente da pesquisa “Caçador: um estudo sobre os aspectos artísticos, culturais e sociais, nas décadas de 40 e 50”, conforme informações contidas neste TCLE, que está impresso em duas vias.

Joinville, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante/representante legal

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do Responsável pela pesquisa

